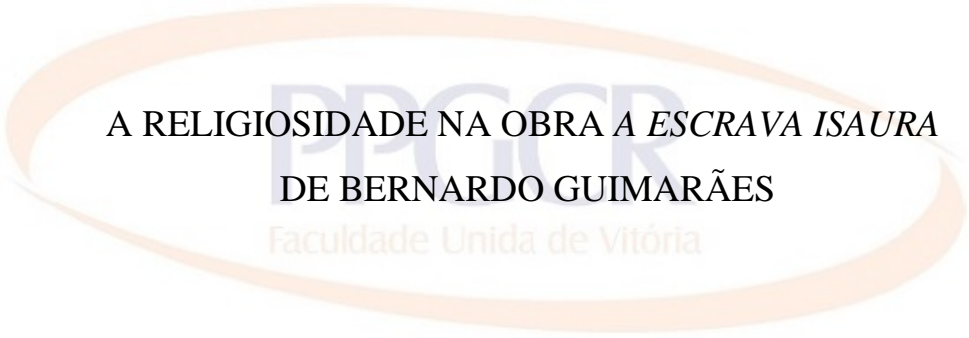


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

IVANESSA SANCHES MANCIO



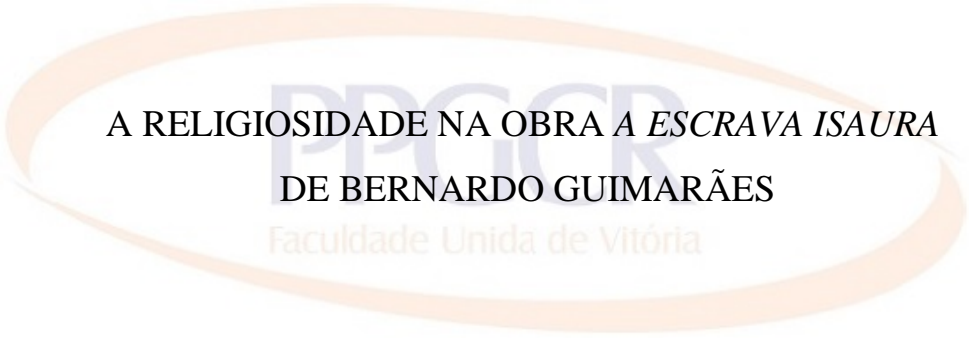
A RELIGIOSIDADE NA OBRA A *ES CRAVA ISAURA*
DE BERNARDO GUIMARÃES

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/06/2020.

VITÓRIA
2020

IVANESSA SANCHES MANCIO

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória – 29/06/2020.



A RELIGIOSIDADE NA OBRA *A ESCRAVA ISAURA*
DE BERNARDO GUIMARÃES

Faculdade Unida de Vitória

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Religião e Espaço Público

Orientador: Dr. José Adriano Filho

Vitória – ES

2020

Mancio, Ivanessa Sanches

A religiosidade na obra a Escrava Isaura de Bernardo Guimarães /
Ivanessa Sanches Mancio.-- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,
2020.

viii, 72 f. ; 31 cm.

Orientador: José Adriano Filho

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2020.

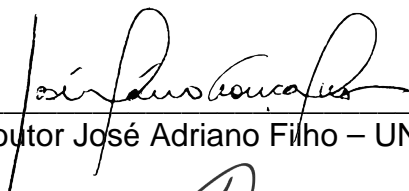
Referências bibliográficas: f. 69-72

1. Ciência da religião. 2. Religião e Espaço Público. 3. Bernardo
Guimarães. 4. Literatura brasileira. 5. Religiosidade. 6. Literatura e religião.
- Tese. I. Ivanessa Sanches Mancio. II. Faculdade Unida de Vitória, 2020.
III. Título.

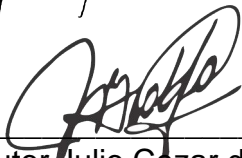
IVANESSA SANCHES MANCIO

A RELIGIOSIDADE NA OBRA A *ES CRAVA* / *SAURA* DE BERNARDO GUIMARÃES

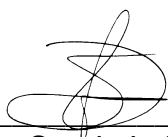
Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.



Doutor José Adriano Filho – UNIDA (presidente)



Doutor Julio Cezar de Paula Brotto – UNIDA



Doutor Sergio Luiz Marlow

DEDICATÓRIA

Aos maus pais, por terem-me ensinado os primeiros passos em direção a fé e aos estudos.



AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus familiares pelas diferentes formas de ajuda e incentivos para manterem meus estudos. Sou grata especialmente, ao meu namorado Marcus Vinicius Leão pela sua efetiva ajuda.

Agradeço também ao meu orientador Dr. José Adriano e a Dr. Maria Auxiliadora Leão por me ajudarem e incentivarem no desenvolvimento desta pesquisa.

A todos os professores e funcionários e funcionarias da Faculdade Unida.

Agradeço também a todos os meus amigos e a todas as amigas pelas profundas discussões em sala de aula e pela amizade constante construída no decorrer da realização do curso.



RESUMO

Esta dissertação demandou mostrar uma das muitas interpretações encontradas na prosa romântica *A Escrava Isaura*, criada na segunda metade do século XIX pelo romancista Bernardo Guimarães. Portanto, o objetivo da pesquisa é observar, a partir da obra de Guimarães, a existência de estruturas que refletissem o cenário religioso brasileiro do século XIX e também de deslindar evidências que demonstrem a comparência de elementos de postulação religiosa na obra. Para tanto, foi observado o meio ambiente de transformação e as mudanças que ocorreram no período do governo de Dom Pedro II no Brasil. Também foi priorizado um caminho metodológico que permitiu uma aproximação mais consistente com o objeto da pesquisa. Sendo assim, mediante ao exposto, esta pesquisa busca compreender através de uma árdua pesquisa bibliográfica a chegada do romantismo no Brasil, o contexto histórico em que a prosa romântica *A Escrava Isaura* esta inserida como também de identificar a existência de fundamentos representativos de religiosidade.

Palavras-Chave: Bernardo Guimarães, Literatura. Religiosidade.



ABSTRACT

This work aimed at showing one of the various interpretations found in the romantic prose named *A Escrava Isaura* which was written in the second half of the 19th century by the Brazilian romanticist Bernardo Guimarães. Therefore, this research aims at observing the existence of some structures that portrayed the Brazilian religious scenario in the 19th century as well as understand the evidences which show the presence of religious elements in the work of Guimarães. For this purpose, we observed the environment and the changes that took place in the government of D. Pedro II in Brazil. Also, the methodological approach allowed us to be more consistent with our research object. Thus, based on the above, this research seeks to understand through an arduous bibliographic search the arrival of romanticism in Brazil, the historical context in which the romantic prose *A Escrava Isaura* is inserted as well as to identify the existence of representative religious foundations.

Key words: Bernardo Guimarães. Literature. Religiosity.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O NASCIMENTO DO ROMANTISMO BRASILEIRO	13
1.1 As gerações do romantismo.....	16
1.2 Os ideais defendidos pela terceira geração dos poetas românticos	23
1.3 Os primeiros passos de Bernardo Guimarães	24
2 O SÉCULO XIX: DO GOVERNO DE DOM PEDRO II AO CATOLICISMO RETRATADO NA OBRA DE BERNARDO GUIMARÃES	30
2.1 A relação de Dom Pedro II e o Catolicismo.....	33
2.2 O catolicismo retratado na obra de Guimarães.....	35
2.3 A transformação do catolicismo no Brasil	37
3 DA ESCRAVIDÃO À RELIGIOSIDADE PRESENTE OBRA A ESCRAVA ISAURA...44	
3.1 As especificidades dos personagens da obra de Guimarães	46
3.2 A religiosidade presente no discurso dos personagens.....	52
3.3 As formas de escravidão e os preconceitos retratados na obra.....	56
3.4 As possibilidades sincréticas na obra	62
CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

O romance *A Escrava Isaura* é uma obra rica de fatos e acontecimentos históricos da sociedade brasileira no período escravista. Escrita por Bernardo Guimarães e publicada em 1875, o romance desperta o interesse em descobrir se os acontecimentos retratados na obra condizem com os fatos históricos do Brasil do fim do século XIX, mas especificamente em relação à presença de elementos que indiquem a existência de religiosidade, os quais possam representar as tendências religiosas do período ao qual pertence.

Sendo assim, é de interesse lembrar que a literatura sempre esteve inserida nos acontecimentos históricos de uma determinada sociedade. No Brasil, isso não foi diferente, pois, segundo Daniela Magalhães da Silveira, “a historiografia brasileira tem sido bastante beneficiada com a relação entre literatura e história sobre os estudos do Brasil do século XIX”¹. Desta forma, é correto considerarmos que a literatura, mais especificamente a obra de Bernardo Guimarães, pode apresentar o produto sociocultural e os fatos que representam a sociedade escravista brasileira do século XIX.

Para tanto, a partir da leitura é possível também observar os detalhes religiosos e as experiências humanas vivenciadas em uma sociedade. Sendo assim, Antonio Cândido descreve que “como em toda a cultura dominante, no Brasil, o romantismo foi aqui uma herança da literatura portuguesa, da qual o romantismo brasileiro surge”². Compreende-se desta forma que as obras românticas do Brasil podem sim ser consideradas como um testemunho textualizado, como qualquer outro documento que pode ser compreendido, investigado e usado como meio para compreender a realidade de uma determinada sociedade.

Ezra Pound esclarece que “a literatura é uma linguagem carregada de significados, um conjunto de escritas muito além de uma mera criação estética”³. É correto, portanto, entendermos que podemos estabelecer que a análise literária é uma apropriada ferramenta para a compreensão da religiosidade existente em determinada época e lugar. Sendo assim, a prosa romântica *A Escrava Isaura*, escrita em meados do século XIX no Brasil, pode apresentar elementos que representem os aspectos religiosos existentes na sociedade escravista brasileira no período do Reinado de Dom Pedro II. Desta forma, o objeto de estudo

¹ SILVEIRA, Daniela Magalhães. Gênero e escravidão em Bernardo Guimarães. In: VI ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 6., 2013, Santa Catarina, *Anais...* VI encontro. Santa Catarina, UFSC, p. 1-13, 2013. p. 01.

² CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*: resumo para principiantes. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 12.

³ POUND, Erza. *Abc da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1995. p. 29.

desta pesquisa é o romance *A escrava Isaura*, que, na construção do enredo, retrata o panorama da sociedade brasileira da época, em especial a elite escravista brasileira.

Por meio da obra de Guimarães, a pesquisa pretende identificar nos discursos do romance, padrões da religiosidade do Brasil do século XIX. Para tanto, deve-se levar em consideração na pesquisa a importância do momento histórico do Brasil, como também a origem do escritor, pois é através de suas experiências e entendimentos do social encontrados ao seu redor que sua obra literária é desenvolvida. Sendo assim, devemos apontar que o escritor Bernardo Guimarães, ao produzir a obra *A Escrava Isaura*, vivia em um Brasil escravocrata que, em meados do século XIX, discutia o fim da escravidão negra.

Destacamos que, no âmbito do romance *A escrava Isaura*, existe a possibilidade de exemplos de comportamento social do Brasil do século XIX, como também de manifestações religiosas. Desta forma, podemos inferir que Bernardo Guimarães, ao tentar ambientar os leitores no romance, acabou por trazer informações importantes da sociedade brasileira do período escravista. Isso abre a possibilidade de estudo sobre a religiosidade em obras literárias, pois, de acordo com Maria Clara Tomaz Machado, “a religiosidade tem forte relação com o cotidiano da cultura popular, por isso é quase infactível delas serem apartadas”⁴.

O presente trabalho descritivo foca na questão da constatação de elementos de religiosidade na literatura romântica, mais especificamente na prosa romântica *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, utilizando como referência as alocações de alguns personagens citados na obra. Para isso, será necessário traçar um perfil histórico das gerações românticas no Brasil, como também discernir certos entendimentos do autor sobre o ambiente histórico em que ele está inserido, com isso enseja-se buscar responder sobre a existência de subsídios de religiosidades na obra.

Para responder a estas inquirições, a pesquisa foi concretizada por meio da inquirição da existência de rudimentos religiosos mediante a prosa romântica *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães e de alguns livros, artigos e documentos relacionados, à religiosidade e ao contexto histórico do Brasil do século XIX, tal como examinados nos estudos de José Veríssimo que relata em sua pesquisa bibliográfica que a literatura brasileira “através dos seus pensamentos e sentimentos próprios, apesar da herança da língua europeia portuguesa, ajuda a

⁴ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Religiosidade no cotidiano popular mineiro: crenças e festas como linguagens subversivas. *História & Perspectiva*, Uberlândia, n. 22, p. 124-138, 2000. p. 125.

compreendermos o cenário histórico religioso do Brasil”⁵. Como também os resumos históricos e documentais do romantismo brasileiro de Antonio Candido que reproduz que “os impressos do romantismo do século XIX, apresentam um Brasil em situação destoante, no ambiente político, religioso e cultural”⁶.

A pesquisa também levou em consideração os estudos de Lilia Moritz Schwarcz, que através de seu conteúdo biográfico sobre Dom Pedro II, defende a concepção de que ao “compreendermos a popularidade e elevação da imagem pública do imperador do Brasil, também estamos diante do ambiente histórico do século XIX”⁷. Assim como a análise historiográfica de Rodrigo Dantas de Medeiros e Carlos Henrique Gileno, que disponibiliza ao trabalho tópicos sobre o embate religioso ocorrido entre o segundo governo imperial do Brasil e bispos católicos. Desta forma, em sua pesquisa os observadores manifestam que “a análise da questão religiosa ocorrida no período do segundo reinado, mostra as reverberações políticas, sociais e religiosas do Brasil do fim do século XIX”⁸.

Em relação ao estudo das relações sociais e religiosas no Brasil do século XIX presente na obra de Guimarães, observou-se o ensaio de Marcos Francisco Alves que através de um estudo comparado, defende a “literatura como fonte inovadora para a pesquisa analítica”⁹. Tal como o estudo sociocultural de José Lucas Góes Benevides, que descreve “a relevância do estudo do contexto histórico, religioso e político através das obras literárias”¹⁰.

Conjuntamente, o estudo utilizou como sustentação da investigação a segunda edição da obra *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, publicada pela editora Gardier em 2019, a qual permite a pesquisa uma percepção sobre o ambiente histórico e religioso do Brasil do final do século XIX. Bem como o estudo histórico de Sérgio Figueiredo Ferretti que descreve como “importante o estudo de diferentes ciências e correntes de pensamentos para o entendimento sobre o sincretismo, a identidade, a cultura e outras categorias sociais”¹¹.

⁵ MATTOS, José Veríssimo Dias de. *História da literatura brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília, 1963. p. 03.

⁶ CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002. p. 07.

⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *De olho em D. Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009. p. 09.

⁸ MADEIROS, Rodrigo Dantas; GILENO, Carlos Henrique. Dom Vital: A questão religiosa, a crise político-social na província pernambucana e suas consequências durante o segundo reinado. *Revista Idealogando*, Pernambuco, ano 2, n. 2, p. 88-109, 2018. p. 101.

⁹ ALVES, Marcos Francisco. *Os romancistas da Abolição: representação do escravo e discurso abolicionista nas obras de Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo*. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. p. 14.

¹⁰ BENEVIDES, José Lucas Góes. A representação da mulher escravizada na literatura brasileira: uma leitura comparativa entre Úrsula e a escrava Isaura. *Mafuá*, Santa Catarina, n. 27, 2017, p. 1- 26, 2017. p. 05.

¹¹ FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Sincretismo e religião na festa do divino. *Revista antropológicas*, Recife, ano 1, v. 18, p. 105-122, 2007. p. 111.

Conseqüentemente, o presente ensaio objetiva encontrar elementos que demonstrem aspectos de religiosidade na obra de Guimarães que possam exteriorizar as singularidades do Brasil do século XIX. Para tanto, a pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, exploramos a trajetória do romantismo até sua chegada ao Brasil, apresentando como o estilo literário romântico influenciou na trajetória e nas compilações de Bernardo Guimarães. No segundo capítulo, apresentamos o contexto histórico brasileiro do século XIX, em especial o período do segundo reinado, referido na obra de Guimarães, expondo desta forma a relação do imperador Dom Pedro II com a religião católica. No terceiro e último capítulo, consideramos as especificidades de alguns personagens como forma de identificar nos discursos particularidades que possibilitem iluminar minúcias da escravidão e do sincretismo na obra *A Escrava Isaura*.

Nas considerações finais, será apresentado um pequeno número de levantamentos relacionados à pesquisa. Desta forma, a investigação objetiva contribuir com os estudos acadêmicos, demonstrando através da análise da obra *A Escrava Isaura* que as obras literárias são capazes de contribuir para os estudos das ciências das religiões, pois apresentam informações valiosas sobre o tema, que poderão ser novas respostas para questões que antes não nem eram discutidas.

No decorrer da pesquisa, foi consultada uma série de fontes, desde textos clássicos a trabalhos acadêmicos recentes, além de artigos de revistas e textos obtidos na internet. O trabalho também contou com diversas edições de *A escrava Isaura*. Espantosamente, ainda existe muito material a ser explorado, instigando a sequência de novos estudos e leituras sobre o assunto.

Portanto, após uma ampla pesquisa bibliográfica e a inferência do não encontro de outras pesquisas que observassem a temática pesquisada, averiguo-se que a pesquisa poderá contribuir para o estudo dos profissionais da religião, pois ela procura demonstrar uma nova perspectiva sobre as obras literárias, em especial o romance em prosa de Bernardo Guimarães, que, ao tentar sensibilizar os leitores para as grandes injustiças da escravidão, expõe aspectos culturais e sociais existentes no Brasil de sua época, que possibilitam aos acadêmicos de ciências das religiões a inquirição da religiosidade do século XIX.

1 O NASCIMENTO DO ROMANTISMO BRASILEIRO

Este capítulo, dividido em três seções, revisita o surgimento da poesia e da prosa romântica no Brasil. Nessas seções, iremos compreender o surgimento do romantismo na Europa, a sua vinda para o Brasil e como este estilo literário influenciou as obras do escritor Bernardo Joaquim da Silva Guimarães.

O romantismo surgiu no século XVIII, indo até meados do século XIX na Europa, influenciando a literatura, a pintura, a música e a arquitetura. Na literatura, o romantismo vai existir tanto em prosa como em poesia, tendo como base de suas estruturas a supervalorização das emoções pessoais, sendo um movimento de oposição aos modelos clássicos existentes. Ainda sobre o romantismo, José Veríssimo Dias de Mattos descreve que o “romantismo revolucionou o fazer artístico concebendo a liberdade de expressão numa arte sem regras, tendo como seus princípios o sentimentalismo, o individualismo, a idealização, o nacionalismo, o cristianismo, a subjetividade e o egocentrismo”¹².

Podemos assim compreender que o romantismo representou uma revolução num contexto de revoluções. Um grande exemplo disso é a sua ocorrência no mesmo período da Revolução Francesa de 1789, em que a França se tornou um grande centro inspirador para outros países dos ideais de igualdade, fraternidade e liberdade que também influenciavam os escritores do romantismo. Nesse contexto, o romantismo também chega a Portugal com as características de liberdade e também com os mesmos desejos de transformação econômica, política e social.

Já no Brasil, segundo Antonio Candido, “o país foi ganhando mais relevância no cenário literário com a chegada da Família Real Portuguesa, que cria uma estrutura acadêmica e intelectual que acabaria ajudando a colônia portuguesa a entrar no cenário mundial”¹³. Sendo assim, a chegada da Família Real ao Brasil em 22 de janeiro de 1808, fugida da ameaça de invasão napoleônica a Portugal, é um fato histórico de grande relevância para a chegada do romantismo ao Brasil, pois, com a chegada da família real, as relações políticas e econômicas existentes na colônia tiveram que ser alteradas, gerando a necessidade de uma infra-estrutura que dinamizasse a vida cultural no Brasil.

Nesse contexto, o Rei Dom João VI determinou a assinatura da Carta Régia, o abrimento dos Portos às Nações Amigas, a fundação do primeiro Banco do Brasil, a inauguração do Real Teatro de São João no Rio de Janeiro, a criação da primeira Escola de

¹² MATTOS, 1963, p. 05.

¹³ CANDIDO, 2002, p. 09.

Música, a criação do Museu Nacional e da Biblioteca Real, a construção das Escolas Médico-Cirúrgica da Bahia e da Escola Anatômica e a elevação do Brasil à estirpe de Reino Unido a Algarves e Portugal.

Assim sendo, com a mudança de categoria do Brasil para Reino Unido, sua alteza Dom João VI teve que providenciar a criação de uma instituição acadêmica capaz de produzir intelectuais para o Brasil. Em 1816, o rei contratou um grupo de artistas franceses que ajudaram a formar a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, em 12 de agosto de 1816. O projeto era destinado à formação de alunos brasileiros que poderiam aprender a pintar, desenhar e esculpir segundo o modelo neoclássico europeu. Entre esses artistas franceses, encontrava-se Jean Baptiste Debret, que teve destaque com obras que retratavam a realidade brasileira.

Outra importante referência da dinamização cultural é o desenvolvimento da imprensa escrita, criada no Brasil também pelo Rei Dom João VI. Segundo Candido, “A recém-surgida imprensa brasileira possibilitou a expansão do romantismo no Brasil no século XIX, gerando um público fiel de leitores, bem como a valorização dos escritores brasileiros”¹⁴.

Destaca-se também que, após a Independência do Brasil, em 1822, o ambiente artístico e cultural brasileiro teve um novo salto. Em 1826, destaca-se a mudança da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios para a Academia Imperial de Belas Artes. Esta mudança, promovida pelo Imperador Dom Pedro I, encaminhava o Brasil para o início de uma formação própria, fazendo a academia assumir um papel central na determinação dos rumos da arte nacional durante a segunda metade do século XIX.

Desta forma, mais precisamente na terceira década do século XIX, Mattos destaca a obra *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, de 1836, como sendo a primeira obra romântica do país¹⁵. Esta obra expressa o antilusitanismo, sentimento comum no Brasil nos anos posteriores à independência política. Paralelamente, o nacionalismo encontra correspondência no desejo literário de valorizar os elementos da terra. Dividida em duas partes, sendo a primeira intitulada *Suspiros Poéticos*, a obra aborda temas como a própria poesia, o cristianismo, registro de lugares, juventude, fantasia, fatos e figuras históricas, reveladores do exótico, ainda que reveladores da cultura erudita europeia. Já na segunda parte, intitulada *Saudade*, há evocação da pátria, da família e dos amigos.

¹⁴ CANDIDO, 2002, p. 11.

¹⁵ MATTOS, 1963, p. 78.

O século XIX é apontado como o que mais produziu obras sobre manifestações culturais, literárias e artísticas. O romantismo brasileiro dispôs como uma das características a visão de mundo centrada no indivíduo. O movimento romântico explorou o lirismo, a subjetividade, a emoção e a valorização do eu. As obras surgidas nesse período são consideradas as primeiras manifestações literárias brasileiras, ou seja, sem imitar qualquer característica europeia em suas obras.

Sendo assim, enfatiza-se como principal propriedade nas obras românticas brasileiras o indianismo, que retratava a vida indígena, os costumes e as culturas. Além do rompimento com as tradições clássicas, ou seja, com a escola literária do arcadismo, em que o homem não era livre para criar suas obras, pois tinha que ter uma escrita bem limitada. Porém, o período romântico também abriu espaço para a modernidade, como pensamentos abolicionistas e a poetização da mulher observada como delicada, ingênua e distinta

Desta forma, o nacionalismo surge como um elemento muito presente na primeira linhagem dos românticos brasileiros, pois a benevolência e amor à terra eram uma espécie de fortalecimento da identidade brasileira, explícita no poema *Canção do Exílio*, de Gonçalves Dias, em 1843. A natureza era cultuada e exaltada, pois era vista como fonte de inspiração, já que, para os românticos, a natureza tinha uma força transcendental indomável, algo que tinha relação com o espaço físico, mas era diferente dele. Outra característica da primeira linhagem dos românticos brasileiros é o subjetivismo, pois os românticos davam grande destaque às experiências pessoais estabelecidas pelas emoções e sentimentos. Dessa forma, as obras românticas eram marcadas por um forte subjetivismo, que retratava de forma fiel a visão de mundo dos autores.

De acordo com Vânia Maria do Nascimento Duarte, outra representação marcante dessa escola é a idealização do amor.

O amor expõe a temática principal do Romantismo. Deste modo, os personagens e o anunciador (narrador) vivem em torno de tal sentimento, pois concordam que ele funciona como uma espécie de regeneração do caráter, proporcionando ao indivíduo a oportunidade de regenerá-lo. Assim, a perda do objeto amado ou a não correspondência amorosa acarretam em tão somente a perda da finalidade da própria vida.¹⁶

Ao falar sobre o Romantismo, devemos observar que é uma estética literária bem representada no Brasil e na Europa. As produções literárias românticas são consequências do espírito livre de seus autores ao analisar a realidade social que os cercava. Uma característica

¹⁶ DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. *Romantismo no Brasil*. São Paulo: Aluno Online, 2019. p. 02.

que simboliza as criações artísticas do romantismo é a liberdade de criação, uma peculiaridade que marca o romantismo brasileiro, já que os autores eram livres para decidir as temáticas de suas obras.

Em decorrência da liberdade de criação, surge a possibilidade no romantismo brasileiro de mencionar o espírito religioso do indivíduo do século XIX. Para Duarte, “a religiosidade no romantismo foi altamente propagada, pois os artistas nesse período viviam constantemente em meio às incertezas e angústias e buscavam no plano espiritual uma forma de encontrar algo perfeito”¹⁷.

Assim sendo, ao valorizar o espírito religioso, os romancistas acabavam exacerbando o sentimentalismo, as emoções existentes, como uma forma de esboçar a realidade e os problemas que assombravam a sociedade da época. De acordo com Raquel Brito, “no romantismo a religião cristã preserva os valores tradicionais e sua crença inspira ações nobres e virtuosas”¹⁸.

De acordo com Candido, “a relação entre Estado e Igreja era evidente nas obras literárias dos romancistas, pois existia uma liberdade para escrever e criticar qualquer evento político, econômico, social e religioso no século XIX”¹⁹. Muitos romances, poesias, poemas descreviam ou faziam sérias críticas ao regime econômico da época, principalmente à escravidão no Brasil. Segundo Marta Pontes, “O século XIX também é marcado pela revolução intelectual, que proporciona ao homem uma mentalidade pautada no saber humanístico, sustentado pela razão e pela liberdade individual”²⁰. Portanto, o romantismo vinha ao encontro dos novos anseios de copiosos intelectuais da sociedade do século XIX, exaltando a liberdade, defendendo a religiosidade e criticando a velha política da escravidão que atrasava o país para a civilidade.

1.1 As gerações do romantismo

O Romantismo se consolidou no Brasil no século XIX, com temas que retratavam as disputas político-sociais, os conflitos emocionais, as traições dramáticas, as futilidades da alta burguesia e da nobreza, o falso moralismo, a religiosidade e também a realidade da vida cotidiana da época. No Brasil, o período romântico desenvolveu-se na poesia, na prosa e no teatro, em que se destaca o dramaturgo Luís Carlos Martins Pena, que, em 1838, publicou a

¹⁷ DUARTE, 2019, p. 03.

¹⁸ BRITO, Raquel. *Romantismo*: saiba tudo sobre esse assunto! São Paulo: Stoodi, 2018. p. 03.

¹⁹ CANDIDO, 2002, p. 20.

²⁰ PONTES, Marta. *Minimanual de redação e literatura*. São Paulo: DCL, 2010. p. 222.

peça *O juiz de paz da roça*, que retratava de modo bem simples os equívocos vividos por uma típica família rural brasileira.

Logo, a poesia romântica brasileira, como na Europa, fazia também oposição ao classicismo. Sendo assim, podemos observar que o poeta romântico brasileiro tinha liberdade para criar, externando e exaltando o nacionalismo do país, como também os heróis nacionais.

No Brasil, em 1836, o escritor que marcou a primeira geração da poesia romântica foi Gonçalves de Magalhães, que ficou conhecido como nacionalista devido ao espírito patriótico observado em seus textos.

Não, oh! Brasil! No meio do geral merecimento tu não deves ficar imóvel e tranquilo, como o colono sem ambição e sem esperança. O germe da civilização, depositado em teu seio pela Europa, não tem dado até agora todos os frutos que deveria dar, vícios radicais têm tolhido o seu adiantamento. Tu afastaste do teu colo a mão estranha que te sufocava, respira livremente, respira e cultiva as ciências, as artes, as letras, as indústrias, e combate tudo o que entrevá-las pode.²¹

Considerada como simples e singela, a poesia romântica representava liberdade ao poeta, já que não estava cativo às formas determinadas e clássicas. É neste estilo de melancolia e simplicidade comum das compilações românticas que a *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, escrita em 1843, torna-se um símbolo para o romantismo brasileiro, pois, através de uma fácil compreensão e uma estrutura simples, ressalta o patriotismo e o saudosismo em relação ao Brasil. Segundo Renata Ribeiro Lima, “essa obra foi tão representativa e importante que alguns de seus versos foram incluídos no hino nacional brasileiro”²². “Nossos bosques têm mais vida, nossa vida, no teu seio mais amores”²³.

Em virtude disso, a primeira geração romântica ficou conhecida como nacionalista ou indianista, porque a temática foca em enaltecer a pátria e todos os elementos nela, valorizando as características positivas que formam a nação brasileira. Por isso, a exaltação da figura indígena é muito bem relacionada com a figura de herói nacional, defensor da terra e honrada. Para tanto, podemos observar a característica nacionalista no íntegro do famoso poema *Canção do Exílio* de Gonçalves Dias, no qual, transmite de forma latente o sentimento nacionalista em seu poema.

²¹ MAGALHÃES, 1836 apud FERREIRA, 2012, p. 05.

²² LIMA, Renata Ribeiro. Representações de exílio e nacionalismo de Gonçalves Dias. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2014. p. 59.

²³ BRASIL. *Decreto nº 15.671, de 6 de setembro de 1922*. O Presidente da República Epitácio Pessoa declarou oficial a letra do Hino Nacional Brasileiro, escrita por Joaquim Osório Duque Estrada. Brasília: Diário Oficial da União, 27 set 1922. Disponível em: <www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15671-6-setembro-1922-487497-republicacao-91987-pe.html>. Acesso em: 14 mai. 2020.

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá;
 As aves que aqui gorjeiam,
 Não gorjeiam como lá.
 Nosso céu tem mais estrelas,
 Nossas várzeas têm mais flores,
 Nossas flores têm mais vida,
 Nossa vida mais amores.
 Em cismar, sozinho, à noite,
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.
 Minha terra tem primores,
 Que tais não encontro eu cá;
 Em cismar - sozinho, à noite -
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.²⁴

Neste poema, percebe-se que o sentimento de amor à pátria e de nacionalismo é muito presente. Os sentimentos de melancolia e saudade são elementos da natureza brasileira ostensivos nesse poema, que evidenciam a simplicidade da composição poética, assim consolidando-se como poética romântica e nacionalista. Segundo Pagnan, “Gonçalves Dias ficou conhecido como o primeiro poeta que descreveu o índio de forma heróica sem colocar características e valores europeus, um exemplo desse heroísmo é o que se apresenta no poema *I-Juca-Pirama* (1848), que, na língua Tupy, significa mercedor de óbito ou aquele que há de falecer”²⁵.

De acordo com Júlio Flávio Vanderlan Ferreira, “o poema de Dias retrata toda a elevação e destemor de um indígena que se renuncia a lutar e requer para não falecer após ser apresado pelos Timbiras, tribo êmula, que, após o pedido de liberação, acaba libertando-o para julgá-lo covarde”²⁶. Esta obra, além de dar exemplo de musicalidade e influência da poesia romântica, evidencia a figura do nativo brasileiro. A musicalidade remete-se aos rituais indígenas.

Canto da Morte

Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi:
 Sou filho das selvas,
 Nas selvas cresci;
 Guerreiros, descendo
 Da tribo tupi.

²⁴ PAGNAN, Celso Leopoldo. *Manual compacto da literatura brasileira*. São Paulo: Rideel, 2010. p. 88.

²⁵ PAGNAN, 2010, p. 89.

²⁶ FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. *Romantismo: a formação da literatura brasileira*. Minas Gerais: UFVJM, 2011. p. 10.

Da tribo pujante,
 Que agora anda errante
 Por fado inconstante,
 Guerreiros, nasci:
 Sou bravo, sou forte,
 Sou filho do Norte;
 Meu canto de morte,
 Guerreiros, ouvi (...)²⁷

Sendo assim, ao descrever a bravura do índio brasileiro, podemos observar que o indianismo se tornou uma característica do romantismo brasileiro, pois diferente do romantismo europeu que apresentava como heróis os belos cavaleiros da idade média, os poetas brasileiros acabaram por representar a figura dos índios guerreiros que viviam no Brasil, indos estes que iriam se misturar com os colonizadores portugueses e fariam os futuros descendentes do Brasil.

Já na segunda geração da poesia romântica brasileira, conhecida como mal do século, a melancolia e a introspecção eram sentimentos fortes da geração dos poetas desta época. O escritor fonte de inspiração para os romancistas dessa segunda geração foi Lord Byron, por isso eles também eram conhecidos como *byronianos*.

Além disso, as principais características desse movimento são: egocentrismo, pessimismo, individualismo, desilusão, tédio e até o suicídio. Entendido como fuga da realidade, segundo os poetas dessa geração, o suicídio faria cessar suas dores, isso é denominado de ultrarromantismo. Logo, os sentimentos ligados à fuga da realidade eram designados aos poetas ultrarromânticos.

Nesse contexto, os autores abordavam em suas obras temas como a idealização da infância, as mulheres são anjos puros, e romantizavam a morte. Os principais autores da segunda geração romântica são: Fagundes Varela, Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu.

Um dos poetas mais exaltados nessa geração foi Álvares de Azevedo. Nascido em 1831, em São Paulo, foi vítima da tuberculose e acabou morrendo em 1852. Outros autores também faleceram devido a essa doença. Por causa disso, essa geração recebeu o apelido de mal do século. Quando Álvares de Azevedo soube que tinha uma infecção decorrente de um revés produzido por uma queda de cavalo, passou a pensar muito sobre a morte, a divagar sobre a passagem do tempo e do sentido da vida e do amor. Afinal, com a morte iminente, questões como essas são exaltadas no íntimo do ser humano que sofre com o fim de sua vida.

Em virtude disso, o seu livro famoso de poesias, *Lira dos Vinte Anos*, foi publicado somente após a sua morte. Possui forte apelo à melancolia e desvenda os seus sentimentos

²⁷ PAGNAN, 2010, p. 90.

mais profundos. Com efeito, revela um poeta com muita imaginação e sensível aos dissabores da vida, afinal, nunca conseguiu vivenciar um amor pleno.

A terceira geração da poesia romântica brasileira abre espaço para questões sociais, com poesias de cunho libertário, sobretudo, pautas políticas e sociais. A principal fonte de inspiração desse movimento foi o poeta francês Victor Hugo, que abordava muito dessas características em seus livros, como no romance *Os Miseráveis*. Assim, essa geração originou a expressão geração hugoana.

Logo, a liberdade do ser humano e seus direitos humanos são cobrados e discutidos por esses poetas, em razão disso, o símbolo desse movimento é o pássaro condor, que vive nas cordilheiras dos Andes, por sua vez, demonstrando a sua liberdade. Por isso, esse movimento é chamado de condoreiro.

O poeta que se destacou nessa geração foi Castro Alves, pois denunciava as condições degradantes a que os escravos eram submetidos, também debatia sobre o racismo, no qual o negro era reduzido a uma mercadoria que servia para sustentar o sistema econômico escravocrata brasileiro. Castro Alves também indagava sobre a falsa construção do nacionalismo brasileiro, porque nesse patriotismo os negros e índios não tinham representatividade e nem dignidade. Por outro lado, eram explorados e serviam de mão de obra para enriquecer a elite, que ignorava a liberdade dessas pessoas.

Assim, Castro Alves também abordou questões de temática da poesia lírico-amorosa. Seus poemas eram recheados de eloquência, bem como hipérboles, metáforas, antíteses e outras figuras de linguagem que expressavam grandiosidade e um apelo ao auditivo. Além disso, o poeta condoreiro também aborda em suas obras fatos históricos brasileiros como a Independência da Bahia e a Inconfidência Mineira.

Convém destacar a importância que Castro Alves dava à educação como meio de empoderamento social, como é o exemplo do poema *O Livro e a América*, que defendia a produção literária no país.

*Por isso na impaciência
Desta sede de saber,
Como as aves do deserto --
As almas buscam beber...
Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe -- que faz a palma,
É chuva -- que faz o mar.²⁸*

²⁸ PAGNAN, 2010, p. 103.

Somando a isso, a sua poesia social, empenhada em criticar a forma desumana com que eram tratados os escravos negros, lhe valeu o apelido de “o poeta dos escravos”. As obras mais marcantes dessa fase são: *Vozes D’África: Navio Negreiro* (1869), *Os Escravos* (1883), *A Cachoeira de Paulo Afonso* (1876).

Acontecendo simultaneamente com a poesia romântica brasileira, temos a prosa romântica brasileira. Na prosa romântica, destaca-se José Martiniano de Alencar Júnior. Nascido em 1829, em Macejana, periferia de Fortaleza, segundo Ferreira, “foi o primeiro a criar um prospecto de identidade nacional alicerçado na literatura”²⁹.

Ao se formar em Direito em 1854, José de Alencar passa a morar no Rio de Janeiro e inicia seus escritos no rodapé de um jornal, passando a publicar posteriormente no jornal *Diário do Rio de Janeiro* capítulos de romances, conhecidos como folhetins. Esse estilo de folhetim, na verdade, era um tipo de publicação trazida da França, mas foi a partir desse estilo de publicação que as grandes obras brasileiras começaram a ser publicadas. De acordo com Pagnan, “com o intuito de atrair leitores, José de Alencar passa a escrever mais romances, um exemplo é o folhetim *O Guarani*, de 1857, romance que é considerado um dos maiores retratos do indianismo”³⁰.

O romance de Alencar relata a história de Pery e Cecília, um índio destemido e uma bela moça descendente de europeus. Obra que pode ser considerada como precursora das novelas, já que o estratagema narratológico dos folhetins foi inspirado nas narrativas francesas, sendo utilizada de forma inimaginável por Alencar, pois, sempre no fim de um capítulo, ele deixava algo para despertar a curiosidade de quem esperava o próximo.

Nesta obra, é possível identificar a figura do indígena brasileiro exaltada pelo autor. De acordo com Ferreira, “o romance de Pery e Ceci poderia ser uma translação do que seria a proximidade do velho mundo, significado na figura de Ceci, que agia de forma contraditória quanto aos seus sentimentos por Pery, ao passo que o guerreiro indígena poderia significar o novo mundo e toda a nobreza de seus habitantes”³¹.

O regionalismo e o espaço urbano se apresentam também como características da prosa romântica brasileira. Os romances direcionados à corte eram chamados romances urbanos e os romances direcionados ao interior eram cognominados de romances regionalistas. Segundo Pagnan, “os romances urbanos descreviam o cotidiano e o papel social

²⁹ FERREIRA, 2011, p. 11.

³⁰ PAGNAN, 2010, p. 106.

³¹ FERREIRA, 2011, p. 13.

da corte nos grandes centros, enquanto que o interior do Brasil era mostrado como local de preservação dos tradicionais e legítimos valores do século XIX”³². Destaca-se neste tipo de descrição a narrativa *A moreninha* (1844) de Joaquim Manoel de Macedo.

Os romances urbanos eram de estrutura simples, mas descrevem perfeitamente os moldes românticos da vida cotidiana da burguesia do século XIX e esclarecem discussões sobre amor e casamentos arranjados neste período. Esse tipo de narrativa era importante, pois nesta época a leitura e literatura eram consideradas “*manuals de bons costumes*”, portanto, o ideal de uma sociedade e família exemplares.

Segundo Ferreira, “no século XIX o patriarcalismo é uma característica muito presente na sociedade brasileira e pode ser observado em *Lucíola* (1862) de Alencar”³³. Nesta obra, apresenta uma mulher que levava uma vida de libertinagem. Ao conhecer Paulo, tem um filho, mas, por cometer adultério, é obrigada a viver reclusa, apartada do convívio social, e morre. A morte é uma forma de penalidade, pois neste período era inaceitável que uma mulher cometesse tal conduta e, por isso, não merecia a felicidade.

Contudo, o regionalismo também se fez presente de forma muito marcante na prosa romântica brasileira. Esse modelo literário se propõe a divulgar regiões ainda desconhecidas e costumes tradicionais. O apreço pelas origens é um fator muito importante para os romancistas regionalistas. Segundo Afrânio Coutinho, “o romance regionalista, na bibliografia universal, nasceu da laboração da estética romântica como provável fruto da renitência contrária do subjetivismo imoderado, cujo excepcional era a hipertrofia do eu”³⁴.

Descendente de francês, Visconde Taunay, autor de *Inocência* (1972), retrata um amor que acontece no interior do Brasil, mostrando todo o estilo romântico e ao mesmo tempo realista do século XIX. Realista, pois descreve toda a beleza do campo, das cores, do lugar, dos costumes, elementos até então não demonstrados na literatura. Destaca-se também que nesta geração romântica o teatro foi de grande relevância para o desenvolvimento do romantismo brasileiro, pois nele a literatura oral ganhou força e com isso promoveu uma literatura independente dos moldes europeus.

³² PAGNAN, 2010, p. 106.

³³ FERREIRA, 2010, p. 15.

³⁴ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1999. p. 192.

1.2 Os ideais defendidos pela terceira geração dos poetas românticos

A terceira geração da poesia romântica brasileira transcorre no Brasil entre 1870 a 1880. Segundo Mattos “a geração de poetas brasileiros deste período ficou conhecida como geração condoreira, referência à ave condor que simbolizava a liberdade de visão mais ampla”³⁵.

É importante ressaltarmos que a poesia deste momento recebe uma grande influência do escritor francês Victor-Marie Hugo, no qual, de acordo com Mattos “gostava de trabalhar temas de consciência social e política aguçada em prol das classes desfavorecidas”³⁶. Por influência hugoana, o poeta brasileiro Antônio Frederico de Castro Alves sai em defesa da classe escrava desfavorecida, brutalmente explorada no Brasil. Em seu poema épico-dramático intitulado *O Navio Negreiro*, escrito em 1868 e publicado no livro de poesias *Os Escravos*, de 1883. Segundo Mattos “o escritor Castro Alves aborda em seu poema o tema da escravidão no Brasil, ao relatar as condições dos navios que traziam os escravos africanos para o Brasil. Esta obra faz Alves ser conhecido como poeta dos escravos”³⁷.

Desta forma, podemos compreender que o romantismo brasileiro neste período está marcado por um patriotismo consciente no racionalismo político, refletidos em um engajamento social. Deste modo, Marcos Francisco Alves descreve que “a literatura passa a expressar anseios poéticos que vão além dos apelos do coração numa aspiração nacionalista amorosa, pois questões sociais e políticas são tomadas como motivo do criador”³⁸.

Sendo assim, a terceira geração dos poetas românticos brasileiros esta, condizente com um período de transição política e literária que expressa uma consciência poética, mas voltada para a realidade contemporânea em suas mazelas e adversidades que atingem, sobretudo, as classes mais desfavorecidas. De acordo com José Guimarães Caminha Neto “a poesia da terceira geração, esta mais liberta dos padrões europeus, e se focaliza na luta humanitária em prol da raça africana ainda escravizada no Brasil”³⁹. Desta forma, é correto compreendermos que a liberdade é um dos ideais defendidos pelos poetas desse momento, ao colocarem o abolicionismo em discussão.

³⁵ MATTOS, 1963, p. 146.

³⁶ MATTOS, 1963, p. 08.

³⁷ MATTOS, 1963, p. 149.

³⁸ ALVES, 2012, p. 27.

³⁹ NETO, José Guimarães Caminha. *A escrava Isaura: uma visão multidimensional*. 2003. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicações, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. p. 28.

Um forte exemplo de acontecimento histórico que ressalta a característica social, liberal e condoreira da terceira geração da poesia romântica brasileira foi a assinatura da lei do Ventre Livre em 28 de setembro de 1871 pela Princesa Isabel, que segundo Alves “estabelecia que os filhos de escravos nascidos no Brasil após aquela data, deveriam ser libertos, fato este relevante na obra de Bernardo Guimarães, que em seu romance, justifica o fato da escravidão de Isaura ocorrer por ter nascido filha de escrava, antes do surgimento da lei de 1871”⁴⁰.

1.3 Os primeiros passos de Bernardo Guimarães

O romancista e poeta brasileiro Bernardo Joaquim da Silva Guimarães nasceu na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, em 15 de agosto de 1825, filho de João Joaquim da Silva Guimarães e Constança Beatriz de Oliveira Guimarães. Segundo Luana Batista de Souza, “o romancista Bernardo Guimarães pertencia a uma família católica de intelectuais da época, seu pai escrevia sobre assuntos literários, econômicos e políticos em periódicos mineiros”⁴¹.

Em referência à juventude de Bernardo de Guimarães, o biógrafo Basílio de Magalhães descreve que.

Bernardo de Guimarães, em sua juventude, mudou-se para Uberaba aos quatro anos de idade, onde começa sua vida escolar. Em seguida, inicia-se no curso de humanidades, em um conceituado seminário em Campo Belo. Concluiu os estudos no Colégio do Padre Mestre Leonardo, em Ouro Preto, cidade para onde a família havia retornado.⁴²

Após, Guimarães concluir seus estudos na cidade de Ouro Preto, segundo Souza, ao completar vinte e dois anos, o jovem Bernardo Guimarães com o intuito de seguir com os estudos.

Ingressou no curso de Direito, formando-se na vigésima turma da Faculdade de Direito de São Paulo, em 1851, tornando-se bacharel em 15 de março de 1852, no qual posteriormente, começou a atuar como juiz municipal de 1852 a 1854 no município de Catalão no Estado de Goiás.⁴³

⁴⁰ ALVES, 2012, p. 41.

⁴¹ SOUZA, Luana Batista. *Bernardo Guimarães: Para além de a escrava Isaura*. Pensares em revista, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 52-69, 2017. p. 54.

⁴² MAGALHÃES, Basílio. *Bernardo Guimarães: esboço biográfico e crítico*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1926. p. 16.

⁴³ SOUZA, 2017, p. 54.

Conforme Souza, no ano de 1859, já formado como bacharel em direito, Guimarães passa a morar na cidade do Rio de Janeiro, onde começa a trabalhar no jornal *A Actualidade*, “onde escreve artigos de crítica literária sobre o segundo volume das *Sátiras*, epigramas e outras poesias, do Padre José de Almeida, *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias, *Inspirações do Claustro*, de Junqueira Freire e *A Nebulosa*, de Joaquim de Macedo”⁴⁴. Segundo Magalhães, “as críticas produzidas por Guimarães, no jornal *A Actualidade*, eram consideradas como demasiadamente rigorosas e pouco cavalheiras”⁴⁵. Também, de acordo com Souza, “na época em que morou na cidade do Rio de Janeiro, Bernardo Guimarães conhece o escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis, com quem laborou na imprensa como repórter de notícias no Senado”⁴⁶.

Em sua vida profissional, Bernardo Guimarães também exerceu a carreira de mentor. Souza descreve que “em 1866, foi nomeado educador de retórica no Liceu de Ouro Preto e depois em 1873 tornou-se professor de latim e Francês na cidade de Quelus em Minas Gerais, no qual ficou até as cadeiras de latim e francês serem extintas, retornando a sua cidade natal”⁴⁷.

Em seu decurso, Guimarães teve publicações no período conhecido como a segunda geração da poesia romântica no Brasil que corresponde de 1853 a 1869. Cognominada Ultrarromântica ou a Geração Mal do Século, os principais asserções dessa fase são a morte, o amor não correspondido, o tédio, a insatisfação e o pessimismo. Destaca-se que, nessa fase, a literatura brasileira sofreu forte influxo do poeta britânico George Gordon Byron, que viveu de 1788 a 1824. Isso porque os escritores assimilam um estilo de vida noturno e boêmio, além do pessimismo romântico exposto na literatura de Byron. Essa geração ficou afamada também por Geração Byroniana, tendo o poeta Álvares de Azevedo como a grande figura desta geração. De acordo com Sousa, “a iniciação de Guimarães nas letras, como moda da época, fez-se pelas portas da poesia, marcado pelo devaneio e pelo macabro, para mais tarde, a partir da década de setenta do século XIX, lançar-se para a ficção”⁴⁸.

Ainda, segundo Souza os trabalhos de Guimarães neste período tiveram participação importante na produção intelectual. “Além das atividades como poeta ou romancista, ele

⁴⁴ SOUZA, 2017, p. 55.

⁴⁵ MAGALHÃES, 1926, p. 39.

⁴⁶ SOUZA, 2017, p. 55.

⁴⁷ SOUZA, 2017, p. 55.

⁴⁸ SOUZA, 2017, p. 55.

protagonizou o debate de ideias, geralmente veiculado pela imprensa, de fundamental importância para a consolidação da literatura no Brasil”⁴⁹.

Comumente, Guimarães era considerado um corpulento amigo de Álvares de Azevedo com quem estudou junto na faculdade de Direito de São Paulo. Era um observador simples que elaborava romances com temas abolicionistas, fazendo poesia erótica, sátira e crítica social e, juntamente com Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar, deixou sua marca na literatura brasileira, como uma grande figura do romantismo brasileiro.

Segundo Souza, o escritor mineiro Bernardo Guimarães simultaneamente com Álvares de Azevedo e Aureliano Lessa.

Fundaram a Sociedade *Epicureia*, onde Guimarães teria propagado no Brasil o *bestialógico*, que se tratava de poesia cujos versos não tinham nenhum sentido, mesmo que bem metrificadas. Usando do burlesco, o nonsense e o satírico, esta poesia faz de Bernardo Guimarães um precursor brasileiro do surrealismo.⁵⁰

Já com quarenta e oito anos em 1867, enquanto morava em Ouro Preto, Guimarães casou-se com Tereza Gomes de Lima, tendo oito filhos deste casamento. Ainda de acordo com Souza, o escritor Bernardo Guimarães morreu “em 10 de março de 1884, em sua cidade natal, aos cinquenta e nove anos. Morreu com mais idade do que seus contemporâneos, que elegeram viver a boemia byroniana até as últimas dimensões”⁵¹.

Como escritor, Bernardo Guimarães produziu muitos escritos. Além das críticas produzidas em jornais, foi poeta, romancista e dramaturgo. Segundo Souza, o escritor produziu as seguintes obras:

Os poemas: Cantos da Solidão (1853); Inspirações da Tarde (1853); Poesias (1868); Novas Poesias (1870); Folhas de Outono (1883). Os Romances: O Ermitão de Muquem (1868); Lendas e Romances (1871); Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais (1872); O Garimpeiro (1872); O Seminarista (1872); O Índio Affonso (1873); A Escrava Isaura (1875); Mauricio (1877); O Pão de Ouro (1879); A Ilha Maldita (1879); Rosaura (1883). O Romance póstumo: O Bandido do Rio das Mortes (1904) e os Inéditos: A Voz do Page (1914); Os três recrutas; Os Inconfidentes.⁵²

⁴⁹ SOUZA, 2017, p. 60.

⁵⁰ A Sociedade *Epicureia* foi um corpo social discente formulado em 1845 por discentes da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. A comunidade tinha como ardor o lírico Lord Byron. A sociedade foi formada por Aureliano Lessa, Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães. O período foi demarcado por uma carregada e pródiga construção literária.

⁵¹ SOUZA, 2017, p. 55.

⁵² SOUZA, 2017, p. 58.

O pesquisador Hugo Lenes Menezes destaca que Bernardo Guimarães “constituiu uma vasta e sortida obra literária, cultivando a ficção urbana, a indianista, a regionalista-sertanista e a histórica”⁵³. Dessa última modalidade, Menezes esclarece que Bernardo Guimarães.

Manteve-se como um dos principais espelhos do romantismo consolidando-se na carreira como escritor de temas políticos e sociais do século XIX no Brasil. Dentre os romances históricos de Bernardo Guimarães, evidencia-se a obra *Rosaura* de 1883, que retrata o revés social da escravidão africana, *Maurício* de 1877 e *O bandido do Rio das Mortes* de 1904, nos quais alude o episódio da Guerra dos Emboabas.⁵⁴

Sendo assim, Bernardo Guimarães revelou-se um literato sincronizado com o enquadramento histórico do Brasil, salientando questões factuais e polêmicas do seu tempo, a exemplo da conjuntura do povo negro e mestiço, sofrente de segregação social e do preconceito étnico.

Já em *O garimpeiro*, de 1872, Bernardo Guimarães tocou no incômodo do cativo africano, embora buscando relativizar a dicotomia entre senhor versus escravo, ao apresentar as relações de afetividade e as acomodações individuais não predominantes no regime servil brasileiro. Nesse âmbito, reconheceu uma rara convivência pautada pela proteção e lealdade mútua entre cativos e seus donos no romance *O garimpeiro*.

Assim sendo, Bernardo Guimarães transpareceu a nobreza de caráter, a predisposição para o bem. Através da voz narrativa, ele redundou o padrão de certos valores sociais então vigentes, ao valer-se, para afrontar a instituição servil, de uma compostura digna de nota, revelada por cativos negros. Como romancista, Coutinho descreve que Guimarães como o introdutor do regionalismo na ficção brasileira e afirma que ele tem tendência classicizante.

Foi como romancista que Bernardo teve seu nome popularizado. Suas novelas foram o que suas poesias não foram, acentuadamente românticas, presas aos moldes e ao gosto fácil de estilização da época. Portanto, Bernardo estava impregnado do mais inosso e falso Romantismo da época, que só da idealização artificial das coisas via o encanto e o valor da arte.⁵⁵

De acordo com Souza, o escritor Bernardo Guimarães foi um grande produtor literário.

⁵³ MENEZES, Hugo Lenes. *Folhetim da escravidão: o caso de Bernardo Guimarães*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA BRAZILIAN STUDIES ASSOCIATION (BRASA). 2012. p. 22.

⁵⁴ MENEZES, 2012, p. 22.

⁵⁵ COUTINHO, 1999, p. 196.

Enquanto alguns de seus contemporâneos morreram jovens, deixando poucos escritos, como seu grande amigo Álvares de Azevedo, a sua produção literária se estende de 1853 a 1883 considerando apenas as publicações em vida. Autor de críticas, poeta e romancista, seu legado à história da literatura é de fundamental importância.⁵⁶

De acordo com Paulo Dantas, Guimarães “teve a ardor ambiciosa de descrever gentes e paisagens, histórias e costumes, lendas e narrativas, fatos e cenas inerentes de um ciclo que podemos chamar de ciclo dos casos sentimentais e rudes do Brasil no tempo da escravidão”⁵⁷. Sendo assim, podemos compreender perfeitamente que Bernardo Guimarães esteja entre os melhores românticos brasileiros, pois ele soube introduzir na literatura brasileira o homem interiorano e o negro com suas características étnicas.

Em 1875, Guimarães enunciou o romance *A Escrava Isaura*, que tratava do abolicionismo nascente. O romance foi propalado em meio às campanhas abolicionistas do século XIX e ambientado nos primeiros anos do reinado de Dom Pedro II. Segundo José Lucas Góes Benevides, “a obra mostra um testemunho do abolicionismo, narra os obstáculos de uma escrava branca, mimosa de caráter nobre, vitimizada por um senhor cruel e libidinoso”.⁵⁸

Benevides ressalta que obras com teor abolicionista, como *A escrava Isaura*, “surtem na literatura brasileira como uma vertente temática, já no bojo do movimento abolicionista, portanto, em um contexto histórico em que a abolição é um assunto em voga.”⁵⁹ Sendo assim, a obra acaba por se tornar um interessante meio de compreensão do momento histórico do Brasil do século XIX, chamando até a atenção do então imperador do país, Dom Pedro II, que, segundo Alves, “manifestou o desejo de encontrar-se com Bernardo Guimarães, fato este que ocorreu em 30 de março de 1881, através do intermédio da esposa de Guimarães, Dona Tereza. No encontro, o monarca externou palavras de profunda admiração ao autor”⁶⁰.

Segundo Flaviana Silva Santos, o século XIX é mais uma marca negativa na vida do negro.

Não apenas no Brasil, mas em todo o continente, os descendentes de africanos passaram a ser vistos como um problema, uma ameaça para a boa sociedade que, outrora, nos séculos iniciais da colonização, exploraram de todas as formas

⁵⁶ SOUZA, 2017, p. 65.

⁵⁷ DANTAS, Paulo. Perfil do autor: Bernardo Guimarães. In: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Martin Claret, 2007. p. 189.

⁵⁸ BENEVIDES, 2017, p. 11.

⁵⁹ BENEVIDES, 2017, p. 04.

⁶⁰ ALVES, 2012, p. 29.

inimagináveis a mão de obra dos escravos africanos e fizeram desta prática uma das mais relevantes fontes de lucros para as metrópoles europeias.⁶¹

Destaca-se que Bernardo Guimarães, mesmo em uma cultura patriarcal e escravista, descreve a situação extrema de uma jovem que é branca no aspecto, mas de condição servil, filha de escrava negra que pode ser vendida e comprada, como uma propriedade privada. Isso tudo descrito na perspectiva de um homem branco e pertencente à elite social rica de sua época e em plena campanha abolicionista. Características estas que só enriquecem ainda mais o imaginário da pesquisa sobre o autor e sua obra.

É no meio de um cenário político e religioso do Brasil do século XIX que Bernardo Guimarães publica o romance *A escrava Isaura*, que, através de sua protagonista Isaura, segundo Benevides, “apresenta todas as características consideradas civilizadas à época, como o seu branqueamento, através do seu tom de pele e cultura”⁶².



⁶¹ SANTOS, Flaviana Silva. *O negro na literatura brasileira: algumas considerações a partir de a escrava Isaura e o Mulato*. 2017. 21 f. Trabalho de conclusão de curso da graduação em Linguagens e Códigos, Campus São Bernardo, Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 2017. p. 03.

⁶² BENEVIDES, 2017, p. 02.

2 O SÉCULO XIX: DO GOVERNO DE DOM PEDRO II AO CATOLICISMO RETRATADO NA OBRA DE BERNARDO GUIMARÃES

No século XIX, mais precisamente próximo da passagem para o século XX, é importante de se observar, a visão científica de alguns europeus de que determinadas raças eram mais evoluídas que outras. Segundo Elisa Rodrigues, “neste período, ocorreu a colonização europeia da África e da Ásia, de modo que a ciência e a religião visavam legitimar a escravidão e a exploração dos povos africanos primitivos”⁶³.

Logo, no Brasil, o pensamento religioso de seres evoluídos já existia desde o descobrimento, trazido por missionários europeus, que justificavam a escravidão dos índios com o argumento de que eles eram descendentes de Cam, filho amaldiçoado de Noé. De acordo com John Hemming, “os portugueses, por sua vez, continuaram a justificativa da escravidão, igualmente considerando os negros também como descendentes de Cam, estabelecendo a cor como o sinal da maldição e justificativa para a escravidão”⁶⁴.

Segundo Flavia Silva Santos, durante a colonização brasileira, “o processo educacional era de responsabilidade dos padres jesuítas, representantes do clero na colônia”⁶⁵. É inegável, segunda a autora, que esta instituição tinha pensamentos escravistas, o que a levava a educar segundo os interesses da época, sob a camuflagem de um discurso salvífico. Discurso este que pode ser visto na argúcia e maestria de Padre Antonio Vieira, no século XVII. Segundo Luiz Felipe de Alencastro, o jesuíta forjaria uma das mais brilhantes justificativas ideológicas de tráfico negreiro, garantindo a cumplicidade entre a cruz e a espada.

Em seus sermões, Vieira transformava a transferência dos negros dos sertões africanos para a América em grande milagre, por viabilizar a remição de suas almas, resgatadas das brechas da Etiópia. Neste sentido, através de argumentações terrenas e teológicas, ao defenderem a evangelização numa só colônia, os jesuítas portugueses definem no atlântico sul uma apadrinhagem missionária que justifica o negócio negreiro.⁶⁶

Ainda neste entendimento sobre as justificativas de religiosos para a escravidão na colônia do Brasil, Stuart B. Schwartz destaca outro pensamento religioso, o do jesuíta Simão

⁶³ RODRIGUES, Elisa. Raça e controle social no pensamento de Nina Rodrigues. *Múltiplas Leituras*, v. 2, n. 2, p. 81-107, 2009. p. 84.

⁶⁴ HEMMING, John. *Ouro Vermelho: A conquista dos índios da Amazônia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007. p. 594.

⁶⁵ SANTOS, 2017, p. 03.

⁶⁶ ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos Viventes: A formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 480.

de Vasconcelos do século XVII, que tem estreita familiaridade com o princípio da ignorância. Segundo Stuart B. Schwartz.

Vasconcelos aflora para a defesa do que mais tarde seria entendido como pecado filosófico, ao afirmar que os adultérios, homicídios, furtos e semelhantes ações cometidas por aqueles que relegam a existência de Deus não são pecados mortais, nem seus autores são merecedores do inferno, pois como não entendem a Deus não realizam injúria contra ele.⁶⁷

Diante dessas observações, podemos compreender que a religião na colônia brasileira foi usada de forma constante para a afirmação de um comportamento social, político e econômico escravista da época. Demonstrando, desta forma, que a religião não estava fora do ambiente escravista brasileiro.

Com o passar dos anos, novos pensamentos foram trazidos da Europa, pensamentos estes que também refletiam no campo político e religioso brasileiro do século XIX, colocando intelectuais brasileiros em diferentes posições. Em meados do século XIX, alguns integrantes da hierarquia católica do Brasil passaram a ser influenciados por um catolicismo que pregava ideologias conservadoras, portanto, contrárias a um catolicismo dito popular. Desta forma, segundo Israel Silva dos Santos, o conceito do bom católico, para as massas, “era o daquele que se submetia aos poderes eclesiais, que se afastava do fetichismo bárbaro e cumpria os sacramentos de Deus”⁶⁸.

Devemos destacar que o Brasil do século XIX é o resultado de uma migração forçada de diversos povos e culturas, em destaque o da cultura africana, que, trazida pelo sistema escravocrata ao Brasil pelos portugueses, acabou transformando o catolicismo trazido pelos colonizadores europeus em novas manifestações religiosas. Neste período, as crenças e os ritos, de acordo com Santos, “eram realizados por um catolicismo que têm nos seus princípios um conjunto de hábitos originárias da Europa medieval e de fundamentos adotados das culturas africanas e indígenas”⁶⁹.

No meio desta discussão política e religiosa, temos os ideais abolicionistas que chegam ao Brasil com os filhos dos grandes senhores que voltam dos grandes centros de estudo, como a Europa. A escravidão, antes vista como uma forma lucrativa de ganho de dinheiro, começa a ser rediscutida no cenário político brasileiro.

⁶⁷ SCHWARTZ, Stuart B. *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 68.

⁶⁸ SANTOS, Israel Silva dos. *Catolicismo: Identidade e significado no Brasil do Século XIX*. São Paulo. *Anais... XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH*, 2011, p. 04.

⁶⁹ SANTOS, 2011, p. 06.

Para Sonia Irene Silva do Carmo e Eliane Frossard Bittencourt Couto.

O Império Brasileiro desconhece como problema a questão do trabalho escravo, incompatibilizando-se com a aristocracia e dirigindo os abolicionistas a se unir aos republicanos. Os problemas com a questão religiosa, relacionada com a laicidade do país fundamentada nos ideais da Revolução Francesa trazidos por jovens brasileiros vindos da Europa, como também a situação dos militares feridos de guerra, nas décadas de 1870 e 1880, majoram a crise, que atinge seu ápice com a abolição da escravatura em 1888. Embora os dirigentes do Império julguem a abolição uma vitória da Monarquia, as oligarquias agrárias deixam de lhe dar amparo.⁷⁰

Enquanto muitos países já haviam eliminado a escravidão como sistema econômico, apenas no fim do século XIX a escravidão começa a ser mundialmente proibida. Com o avanço do pensamento antiescravista no Brasil, em 28 de setembro de 1871, foi promulgada a Lei Imperial número 2.040, popularmente conhecida como a Lei do Ventre Livre, que visava extinguir a escravidão de forma gradual no Brasil.

Segundo Kleber da Silva Alvez, a Lei do Ventre Livre “não foi muito bem recebida pelos donos de escravos e os senhores de fazendas, que acusaram o governo imperial de interferir nas relações escravistas, violando o direito de propriedade e de organização do trabalho”⁷¹. Somente anos mais tarde o Império Brasileiro, através da filha de Dom Pedro II, Princesa Dona Isabel, sancionou, em 13 de maio de 1888, a Lei nº 3.353, conhecida como Lei Áurea, que extinguiu a escravidão no Brasil e libertava os filhos e netos de escravos africanos.

O fim do século XIX no Brasil pode ser entendido como um período de grande e variada importação de ideias e doutrinas contraditórias que chegavam. O pensamento racial que gerava discussões abertas na Europa chegava ao Brasil, via de regra, sem nenhum espírito crítico. Os brasileiros de meados do século XIX, como tantos outros latino-americanos, estavam mal preparados para discutir as últimas doutrinas europeias. Segundo Rodrigues, “as conclusões brasileiras acerca de raça eram devedoras das teorias importadas, principalmente, da Europa”⁷².

Sendo assim, é importante notar que, na época em questão, o pensamento sobre inferioridade de negros em relação aos brancos era comum, isto é, o contexto histórico relativamente recente havia mobilizado o debate e a opinião pública para as questões relacionadas à liberdade dos escravos, mas a concepção de que os escravos eram cidadãos ainda era pequena.

⁷⁰ CARMO, Sonia Irene Silva do; COUTO, Eliane Frossard Bittencourt. *História: passado e presente*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Atual, 1994. p. 110.

⁷¹ ALVES, Kleber da Silva. A escrava Isaura e a inviabilidade econômica da escravidão: considerações sobre o antiescravismo de Bernardo Guimarães. *Soletas*, São Gonçalo, ano IX, n. 17, p. 15- 24, 2009. p. 15.

⁷² RODRIGUES, 2009, p. 103.

Ainda neste entendimento de inferioridade dos escravos, no Brasil do século XIX, existia a ideia europeizada de que os membros de sociedades primitivas, inferiores, necessitavam ser cristianizados. Através deste entendimento, muitos indígenas e africanos do Brasil foram batizados e catequizados no modelo europeu de cristão católico. A ideia era de que as religiões de matriz africanas eram religiões inferiores e pagãs e que os negros deveriam se converter ao cristianismo católico.

Em vista disso, a ideia de civilização também chegou a ser discutida no século XIX no Brasil. Segundo Daniela Magalhães da Silveira, aqui no Brasil também pairava a ideia de que o “país só entraria entre os povos civilizados se a escravidão fosse eliminada, pois a continuidade da escravidão causava prejuízo e retardava a independência completa do Brasil que só ocorreria com a liberdade completa dos escravos”⁷³.

2.1 A relação de Dom Pedro II e o Catolicismo

O século XIX no Brasil ficou marcado pelo governo do imperador Dom Pedro II, que, após a abdicação de seu pai, Dom Pedro I, ao trono brasileiro em 07 de abril de 1831, herdou o país com apenas cinco anos de idade. Segundo Lilia Moritz Schwarcz, o imperador Dom Pedro II foi um “jovem rei de poucas palavras, caráter pouco acessível, cauteloso e estudioso. Que ao completar dezoito anos de idade, seguindo à moda das cortes europeias, casou”⁷⁴.

A noiva foi encontrada, segundo a moda das cortes europeias, sem a participação de Dom Pedro II, através de uma procuração. Em 23 de julho de 1843, chegava a escritura e um pequeno retrato de Teresa Maria Cristina, princesa do reino de Duas Sicílias.⁷⁵

De seu casamento com Tereza Maria Cristina em 1843, Dom Pedro II teve três filhos. O primeiro filho foi o príncipe herdeiro Dom Afonso, que faleceu com apenas um ano de idade em 1845. Logo depois, em 1846, nasceu a princesa Izabel e, em 1847, a princesa Leopoldina. Ainda sobre as particularidades e características do imperador Dom Pedro II, de acordo com Rodrigo Dantas de Medeiros e Carlos Henrique Gileno, o imperador.

Era uma figura singular, que realmente não era ligado a religiosidade da igreja, tendo uma aproximação maior com o liberalismo da maçonaria, adorava a cultura,

⁷³ SILVEIRA, 2013, p. 10.

⁷⁴ SCHWARCZ, 2009, p. 30.

⁷⁵ SCHWARCZ, 2009, p. 30.

contudo, não podemos considerar o imperador um ateu, porém católico por tradição e ancestralidade familiar.⁷⁶

A relação de Dom Pedro II com a Igreja Católica começa com a Constituinte de 1824, outorgada por seu pai, cujo artigo 5º declarava a Religião Católica como à religião oficial do Império.

Artigo 5º. A Religião Católica Apostólica Romana permanecerá a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão liberadas com seu culto particular, ou domestico em casas para isso destinadas, sem forma alguma fora do Templo.⁷⁷

É de suma relevância frisar que este conteúdo da Carta de 1824 é uma herança histórica do século XVI originada pelos colonizadores portugueses e que se manteve com a vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil. Segundo Evaldo Xavier Gomes e Hugo Sarubbi Cysneiros, no Brasil, “esta herança é decorrente de um documento assinado no século XVI que autorizava os reis ibéricos a gerenciarem o ordenamento da Igreja nas regiões de colônia”⁷⁸.

Essa situação continua no Império quando este, através da Constituição de 1824, afirma a fé católica como religião oficial do Estado brasileiro e, em seguida, a concessão dos direitos de Padroado por parte da Santa Sé ao Imperador.⁷⁹

O sistema do padroado dava ao rei o direito de nomear os membros do clero, como também de aprovar todas as bulas e encíclicas papais que teriam validades em seu território. Transformando assim os membros da igreja católica no Brasil em funcionários do governo.

No Brasil, mesmo com a instalação da independência, essa referência das relações entre Estado e Igreja acabou sendo mantido pelas observações da Constituição de 1824. Porém, nem todos os católicos do Brasil seguiam esta ordem, pois, segundo Ana Rosa Silva, “é importante recordar que o século XIX é marcado pelo ultramontanismo por parte de alguns católicos no Brasil”⁸⁰. Esta ideologia, de acordo com Medeiros e Gileno “defendia a primazia

⁷⁶ MADEIROS; GILENO, 2018, p. 94.

⁷⁷ BRASIL. *Constituição (1924)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília Senado Federal: Centro Gráfico, 2017. p. 05.

⁷⁸ GOMES, Evaldo Xavier; CYSNEIROS, Hugo Sarubbi. *Acordo entre a República Federativa do Brasil e a Santa Sé relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2014. p. 38.

⁷⁹ GOMES; CYSNEIROS, 2014, p. 38.

⁸⁰ SILVA, Ana Rosa Clolet; CARVALHO, Thaís da Rocha. *Ultramontanismo e protestantismo no período regencial: uma análise da crítica panfletária dos padres Perereca e Tilbury à metodista no Brasil*. Guarulhos: Almanak, 2017. p. 23

da autoridade espiritual sobre a política, a fé sobre a ciência, bem como a inconciliabilidade entre Igreja e sociedade laicizada”⁸¹.

A não obediência do direito do padroado por parte de alguns católicos acabou por provocar um desentendimento entre Dom Pedro II e alguns clérigos católicos brasileiros. Tudo começou em 1864, quando o papa Pio IX enviou uma bula que dispunha, entre outras coisas, que todos os católicos implicados com a prática da maçonaria fossem instantaneamente excomungados da Igreja. Segundo Medeiros e Gileno, “O anúncio acabou atentando intimamente Dom Pedro II, que compunha os quadros da maçonaria no Brasil, instituição censurada pelo Papa Pio IX”⁸².

Valendo-se dos poderes garantidos pelo sistema de padroado, o imperador brasileiro formulou um decreto em que não reconhecia o valor da ordem dada pela Santa Sé. Inicialmente, de acordo com Medeiros e Gileno, “a ação de D. Pedro II não teve maiores repercussões, tendo em vista que a maioria dos clérigos brasileiros apoiavam incondicionalmente o regime monárquico”⁸³. Entretanto, segundo Medeiros e Gileno, “os bispos de Olinda, Dom Vital de Oliveira, e o Bispo de Belém do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, preferiram acatar a orientação do Papa Pio IX, promovendo a expulsão dos párocos envolvidos com a maçonaria”⁸⁴.

Inconformado com a insurreição destes bispos, segundo Medeiros e Gileno, “o imperador procedeu com a coima dos mesmos à reclusão e prestação de trabalhos forçados”⁸⁵. Imediatamente, os componentes da Igreja passaram a atacar o governo dizendo que D. Pedro II cometera um ato de extremo rigor e autoritarismo. De acordo com Medeiros e Gileno, “mesmo o imperador cedendo às pressões e anulando a prisão dos bispos, o governo perdeu uma influente base de apoio político. Pois, com este embate, os questionamentos da separação entre religião e estado passaram a fazer parte dos debates da formação do Brasil”.

2.2 O catolicismo retratado na obra de Guimarães

A prosa romântica *A escrava Isaura* foi reproduzido em 1875 em meio à campanha abolicionista no Brasil do século XIX. O livro de Bernardo Guimarães conta a aventura de Isaura, uma escrava branca, criada por uma senhora rica e católica que desejava a liberdade de

⁸¹ MADEIROS; GILENO, 2018, p. 89.

⁸² MADEIROS; GILENO, 2018, p. 89.

⁸³ MADEIROS; GILENO, 2018, p. 89.

⁸⁴ MADEIROS; GILENO, 2018, p. 89.

⁸⁵ MADEIROS; GILENO, 2018, p. 98.

sua escrava após a sua morte. O romance focaliza o problema da escravidão e atingiu principalmente o público feminino, que encontrava nas literaturas românticas uma forma de fuga da sociedade a que pertenciam.

A sociedade brasileira do século XIX, segundo Marco Aurélio Lagreca Casamasso, “era uma sociedade embasada no modelo religioso europeu”⁸⁶. Sendo assim, a religião que predominava no Brasil do século XIX é a religião católica, trazida pelos portugueses no século XVI. Neste modelo religioso, a mulher deve ter comportamentos modelados e preestabelecidos, como ser educada, submissa ao marido, pura e de caráter santo.

Na obra de Bernardo Guimarães, podemos observar que os valores religiosos do catolicismo são sempre lembrados, um destes exemplos é a intriga que ocorre na histórica. Basicamente, como todo o romance de sua época, podemos exprimir que a história é uma intensa luta entre o bem e o mal. O bem representado pela bela Isaura e seus amigos, e o mal representado pelo vilão conhecido por Leôncio, que deseja a todo custo a mocinha da história.

Outro valor religioso católico que pode ser representado na obra é a pureza de Isaura. A castidade é um elemento defendido pelo catolicismo. A bela Isaura, em toda a história, tenta a todo o custo proteger sua pureza perante as investidas de Leôncio, que deseja tê-la a qualquer preço. Na obra, esta ideia de que a sexualidade deve ser defendida a todo o custo mesmo pela morte é bem retratada. Podemos observar este entendimento na passagem em que Isaura prefere morrer a ter relações com Leôncio.

A figura de mulher boa e má é bem espelhada por Bernardo Guimarães em sua obra romântica. Usando os elementos religiosos do catolicismo, podemos observar que Guimarães apresenta alguns tipos de mulheres, sendo que Isaura é a mulher esperada pelo catolicismo da época. Isaura personifica a mulher religiosa cristã, pura, branca, bela, de boas maneiras e prezada, que deseja só ter relação após o casamento. A escrava Rosa, uma das inimigas de Isaura, personifica a mulher ruim, de má educação, invejosa que deseja o lugar de Isaura.

Assim sendo, a religiosidade católica pode ser visualizada, por sortidas vezes, na obra de Guimarães. O fato de isso ocorrer demonstra a historicidade da época em que a aventura de Isaura transcorre. O autor especifica o período da história logo no início da trama ao relatar o local em uma fazenda na cidade de Campos dos Goytacazes, cidade do interior do Rio de Janeiro no período do reinado de Dom Pedro II no Brasil. Fase esta conhecida como

⁸⁶ CASAMASSO, Marco Aurélio Lagreca. Estado, Igreja e liberdade religiosa na constituição política do império do Brasil de 1824. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI, 29., 2010, Fortaleza. *Anais...* XIX Encontro nacional do CONPEDI. Fortaleza: Publica Direito, p. 6167- 6175, 2010. p. 6167.

um período de revoluções e revoltas no Brasil, em que a religião predominante e oficial do estado brasileiro é o catolicismo.

Logo, a figura do catolicismo da personagem principal é, portanto apresentada no momento de sua descrição, o autor destaca no texto que ela usa uma pequena cruz em seu pescoço. Sendo assim, o sinal religioso apresentado no pescoço da personagem principal Isaura insinua aos leitores que ela foi criada segundo os valores religiosos do catolicismo da época no Brasil.

Em outros momentos na obra, a protagonista Isaura suplica a ajuda de Deus ou de Maria para interceder nas dificuldades que ocorrem durante a trama. A personagem Isaura demonstra novamente nestas falas que a religião católica está presente no Brasil do século XIX, tanto que, em outros momentos do romance, ela apresenta outra característica da religião católica, que é o arrependimento de suas ações.

No entanto, podemos prenunciar que não é somente na personagem principal que podemos atentar características religiosas na obra. Contudo, de uma forma mais atenta, podemos evidenciar que o herói representado pelo personagem Álvaro, também insinua valores religiosos, como a pureza e a severidade. Pois a obra de Guimarães, o caracteriza como um jovem homem de coração impressionável, de certa pureza ideal, um verdadeiro cavalheiro nobre que desejava lutar contra o mal.

Portanto, ao representar valores religiosos distintos em seus personagens na obra, podemos sugerir que Guimarães em sua produção tenha retratado às dessemelhantes formas de pareceres religiosos existentes no Brasil do fim do século XIX, mostrando desta forma aos seus leitores as transformações existentes dos valores católicos de sua época.

2.3 A transformação do catolicismo no Brasil

Após a integração do Brasil, a cultura ocidental pelo império português, todo o desenvolvimento de colonização foi frisado pela transplantação de crenças, diluídas na essência de indivíduos que chegavam. Sendo assim, Waldemar Valente, destaca que por meio do “Cristianismo, se insere no país uma regularidade de valores peculiares de específica visão de mundo firmada na centralização conveniente, na rígida hierarquia, na coerção do controle rigoroso, na punição dos pensamentos e das condutas menos ortodoxos”⁸⁷.

⁸⁷ VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso Afro-Brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1955. p. 48.

Para Rodrigues, “a sociedade brasileira é fruto da mestiçagem e do encontro de diversas culturas e fenotípicos de seus integrantes, é através dessas diferenças culturais que encontramos as diferenças religiosas de nosso país”⁸⁸. Por vários séculos, durante o período colonial, a cultura e a religião negra que chegavam ao Brasil trouxeram diferentes comportamentos e se transformaram.

Segundo Ênio José da Costa Brito, em relação às festas religiosas “os portugueses adotavam um comportamento indiferente na relação com os negros e indígenas”⁸⁹. Deste modo, Brito também descreve que “na colônia brasileira, os pobres festejavam a seu modo, sendo assim, os negros africanos e crioulos acabavam por executar suas próprias músicas e danças ritualísticas nos festejos”⁹⁰.

De acordo com Yvie Fevero “a exteriorização religiosa está atuante em quase todas as culturas e pode ser determinada como um conjunto das condutas e posturas pelas quais o homem se liga ou indica sua dependência ao divino”⁹¹. Desta forma, pode-se inferir que a religião consiste, portanto de uma rede de símbolos, conjunto de cultos e culturas, por meio de ritos, mitos e simbologias, que combinando preencher o vazio da ausência dos objetos de desejo, ressignificando o mundo atual em um mundo ideal possível, isto é, compreender o mundo com um sentido humano.

Sendo assim, podemos compreender que os fatos ocorridos na colonização do Brasil possibilitaram a formação de uma sociedade brasileira própria. No qual, pode ser observada em manifestações, comportamentos e crenças, que podem ter sido transmitidas de um sujeito para outro indivíduo.

Segundo Reginaldo Prandi, “a Igreja Católica tentava influenciar os escravos a aderirem ao cristianismo, impedindo que eles propagassem e desempenhassem suas obrigações religiosas nas quais acreditavam”⁹². Porém, é correto salientar que os escravos desempenhavam mobilizações, concentrações ou festividades nos mesmos dias em que aconteciam os eventos católicos.

Desta forma, Prandi destaca que “o sincretismo foi um mecanismo cultural decisivo para a reconstrução das religiões africanas no Brasil, como podemos observar no uso da

⁸⁸ RODRIGUES, 2009, p. 89.

⁸⁹ BRITO, Ênio José da Costa. *Leituras afro-brasileiras: ressignificações afrodiásporicas diante da condição escravista no Brasil*. Jundiá: Paco, 2018. p. 197.

⁹⁰ BRITO, 2018, p. 197.

⁹¹ FAVERO, Yvie. *A religião e as religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Palmares, 2010. p. 01.

⁹² PRANDI, Reginaldo. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: SHUWARCZ, Lilia Mortiz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O universo de Jorge Amado*. São Paulo, 2009. p. 50.

palavra santo que serviu de tradução para orixá”⁹³. Neste entendimento, de acordo com Roger Bastide, “o sincretismo católico-africano só ocorreu pela necessidade do africano de proteger suas crenças e culturas, contra uma sociedade predominantemente católica”⁹⁴.

Assim sendo, podemos salientar a pluralidade como uma característica que marcou a cultura brasileira, já que o período colonial proporcionou uma intensidade de misturas culturais no Brasil, promovendo, desta forma, diferentes hábitos e costumes. Com isso, podemos conjecturar que a primeira mistura de culturas ocorreu entre o povo português, os índios e os africanos. Portanto, podemos inferir que este choque cultural construiu, assim, para a estruturação de uma sociedade brasileira original diferente de outros lugares.

Devemos compreender, portanto que o Brasil, desde sua origem colonial, não é unicamente de religião cristã católica. Ao contrário, segundo Valente “a construção do país, desde os seus primórdios, originou-se na mescla e na sedimentação de diferentes povos”⁹⁵. Desta forma, a sociedade brasileira é resultado da hibridação e do encontro de distintos povos e culturas. Já é de conhecimento que a religião católica era a dominante no século XIX, portanto, oficial do Estado, e mantinha uma só prática religiosa. Sendo assim, Favero salienta que “os escravos trazidos da África a cultuar seus deuses com nomes de santos católicos, porém, em seus imaginários cultuavam suas divindades africanas”⁹⁶.

De acordo com Bastide, “o sincretismo é simplesmente uma máscara posta sobre os deuses negros, sendo na verdade é uma forma de resistência cultural africana”⁹⁷. Sendo assim, é possível compreendermos que a submissão dos escravos aos brancos não era só física, mas também religiosa cultural, pois segundo Josenilda Oliveira Ribeiro “ao desembarcarem em território brasileiro, os negros também eram batizados forçadamente, além de serem submetidos a catequeses sob força armada”⁹⁸.

Sendo assim, é correto entendermos que os povos negros trazidos pelos portugueses ao Brasil eram de diversas civilizações e decorriam das mais diversas regiões africanas. Segundo Carmo e Couto, “as religiões vindas do continente africano eram partes de organizações familiares, estruturadas socialmente a meios biogeográficos”⁹⁹. Ainda neste

⁹³ PRANDI, 2009, p. 50.

⁹⁴ BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1989. p. 31.

⁹⁵ VALENTE, 1955, p. 42.

⁹⁶ FAVERO, 2010, p. 04.

⁹⁷ BASTIDE. 1989, p. 14.

⁹⁸ RIBEIRO, Josenilda Oliveira. *Sincretismo religioso no Brasil: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritualismo*. 2012. 28 f. Trabalho de conclusão de curso – Curso de Graduação em Serviço Social, Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. p. 18.

⁹⁹ DO CARMO et. al., 1994, p. 15.

entendimento, Bastide argumenta que “com a vinda do comércio negreiro ao Brasil, as lideranças coloniais viram-se obrigadas a deduzir um novo tipo de sociedade, fundamentada na família latifundiária, patriarcal e em castas étnicas, como forma de organização dos novos grupos”¹⁰⁰.

Destaca-se, portanto que a vinda de mais grupos étnicos africanos para o Brasil e a manutenção da escravidão no país, influenciou em modificações na economia, no social, no urbano e nos procedimentos de miscigenação que segundo Bastide, com o surgimento de um governo colonial.

As religiões africanas enfrentam o impacto, bem como as novas segmentações sociais, uma vez que o negro surge como os novos artesões e camponeses, sua religião se apresentará diferente ou exprimirá posições diversas, as condições de vida e aos quadros sociais existentes.¹⁰¹

Sendo assim, é correto compreendermos que a religião africana praticada no Brasil foi adquirindo peculiaridades próprias. De acordo com Antonio Olinto “os herdeiros dos africanos, arquitetaram métodos para as crenças de matriz africana, produzindo visíveis misturas religiosas entre os deuses da África e os santos católicos”¹⁰².

É correto compreendermos, portanto que mesmo os escravos participando das festas católicas, os mesmo, não desistiram de sua fé nos *orixás*, *voduns* e outras divindades oriundas de suas terras na África. Com isso, destaca-se que o costume simultâneo de práticas de diversas religiões resultou no surgimento de outras, que levavam características africanas, cristãs e indígenas.

Segundo Sonia Aparecida Siqueira, para entender a religiosidade afro-brasileira.

Deve-se considerar a escravidão, o trabalho dos livres, o quadro social da época, a organização política, o sistema familiar, a religiosidade e as particularidades, demográficas, geográficas, políticas, sociais e econômicas em seus diversos níveis. Todas essas interligações revelam a obscuridade da temática que envolve origens religiosas, especialmente, os africanos, neste país.¹⁰³

Desta forma, Prandi destaca que “as religiões afro-brasileiras surgiram depois do encontro da cultura de vários povos africanos trazidos entre os séculos XVI e XIX”¹⁰⁴. Destaca-se assim a influência das religiões vindas do continente europeu, como o catolicismo

¹⁰⁰ BASTIDE, 1989, p. 31.

¹⁰¹ BASTIDE, 1989, p. 31.

¹⁰² OLINTO, Antônio. *Brasileiros na África*. 2. ed. São Paulo: GRD, 1980. p. 238.

¹⁰³ SIQUEIRA, Sonia Aparecida. *Multiculturalismo e religiões afro-brasileiras o exemplo do candomblé*. São Paulo: PUC, 2009. p. 05.

¹⁰⁴ PRANDI, 2009, p. 50.

que juntamente com as características específicas de cada região do Brasil, ajudou na formação da religião afro-brasileira.

Assim sendo, é correto interpretar que os africanos, apesar dos percalços da vida escrava, dos maus-tratos, em nenhum momento abandonaram seus costumes e sua religião. Organizavam suas festas, os adornos no corpo e, esquecendo provisoriamente seus desencantos com a sorte, em festas, lembravam suas origens.

Desta forma, quando nos lembramos da colonização, devemos levar em conta o número de cristãos novos aqui chegados, muitos fugidos do domínio do Sacrossanto metropolitano, mas basicamente como possuidores dos capitais cruciais para a construção da terra e a sua inclusão no capitalismo do Atlântico. Alguns desses habitantes eram *criptojudeus*¹⁰⁵, conservando sua religião às escondidas, no extremo em que posteriormente tornara-se impraticável coexistirem judeus e cristãos distintamente, quer do ponto de vista sentencioso, quer do ponto de vista do entendimento do mundo. O Judaísmo era um desafio à ortodoxia cristã, pois oferecia elucidações diferentes aos dilemas pertinentes do Catolicismo. Ainda assim, aqui continuaram os cristãos novos, miscigenando-se com os antigos cristãos, de quem se distinguiam por apreciadores, uns da antiga, e outros da nova lei.

As deliberações coloniais trouxeram os negros e, com eles, outras culturas e outras crenças. Assim, de acordo com Hebe Maria Mattos de Castro, importou a memória da cultura dos povos provenientes da África, transferidos para o Brasil.

Sugere, após si, o adiantamento de níveis culturais distintos, como variáveis origens sociais dos escravizados e a linguagem por eles utilizada tanto no dia a dia quanto na linguagem cerimonial, ou seja, nos transe religiosos.¹⁰⁶

Desta forma, podemos observar a diversidade de atitudes e de posições existenciais, já que no mundo colonial existiam homens detentores de outros conhecimentos e vivências religiosas, introduzindo-se no Brasil uma diversidade cultural, oferecendo no seu cerne uma plurirreligiosidade.

Logo, podemos observar a herança dos escravos africanos no Brasil, patente em expressões como samba, jongo, carimbó, maxixe, maculelê, maracatu, como também em instrumentos musicais variados, como o afoxé, atabaque, berimbau e tambor. Já a herança dos africanos na culinária brasileira é bem multifária, e apresenta elementos da culinária indígena,

¹⁰⁵ O vocábulo *criptojudeu* se destina aos judeus que executavam sua fé e suas particularidades em discrição, por temor de enalço religioso, ao mesmo tempo em que abertamente atuavam em outra religião.

¹⁰⁶ CASTRO, Hebe Maria Mattos de. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: NAVAIS, Fernando (Coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2001. p. 12.

dos escravos africanos e dos imigrantes europeus e asiáticos. Entre os prestigiosos viandas típicas da região estão: feijoada, feijão-tropeiro, farofa, cuscuz paulista, pizza, moqueca capixaba, angu, frango com quiabo, pão de queijo, cachaça de alambique, dentre outros.

Desta forma, desde a chegada dos africanos no Brasil, podemos destacar que o sincretismo formado entre a cultura africana dos escravos e o catolicismo se fortaleceu, podendo ser observado no culto católico aos santos, no qual através do catolicismo popular moldou-se o culto dos panteões africanos. Para tanto, podemos observar a manifestação da cultura afro-brasileira pode ser vista em diversos ensinamentos nos campos da sociologia, antropologia, etnologia, música e linguística, entre outros, centrados na expressão e evolução histórica da cultura afro-brasileira.

O caso das religiões africanas no Brasil concede uma gama de valores, modelos, ideais ou ideias, uma facultosa simbologia conforme certa visão mística do mundo em similaridade com o universo mítico e ritualístico. Que segundo Brito ao analisarmos “este rico suporte cultural, seus aspectos explícitos ou implícitos, é assimilá-las como fenômenos sociais”¹⁰⁷.

Assim sendo, podemos observar que o progresso da cultura religiosa brasileira foi perceptivelmente marcado por uma série de trocas e incorporações. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que podemos ver a presença de proximidades através dos cultos africanos e as demais religiões estabelecidas no Brasil, também podemos observar uma série de características que especificam muitas diferenças.

Podemos destacar que nesse processo de assimilação, muitos dos valores culturais e religiosos foram preservados no catolicismo, como as imagens dos santos que foram associados aos *orixás*, mas não perdendo sua simbologia do catolicismo. Destaca-se desta forma que os elementos absorvidos do catolicismo para as religiões africanas se deram ao longo da história.

De certa forma, uma cultura que é dominante sempre domina outra, mas com o catolicismo isso não ocorreu, pois, de acordo com Ribeiro, “a religião católica que sofreu com as interferências, transformações e influências das religiões africanas”¹⁰⁸. Ainda de acordo com Ribeiro, com o passar do tempo, percebeu-se que “a religião católica já estava sendo dominada por culturas que antes eram dominadas, principalmente no modo popular da doutrina praticado no dia a dia ou na casa das pessoas”¹⁰⁹.

¹⁰⁷ BRITO, 2018, p. 161.

¹⁰⁸ RIBEIRO, 2012, p. 03.

¹⁰⁹ RIBEIRO, 2012, p. 03.

Conclui-se, portanto que os africanos motivaram bastante, ainda que de forma indireta, o catolicismo ao adicionarem níveis de credices e realizações de curandeirismo ao catolicismo popular. Fato este que é retratado por Gilberto Freyre.

Aquém dos santos e acima dos vivos ficavam, na hierarquia patriarcal, os mortos, governando e vigiando o mais possível a vida dos filhos, netos, bisnetos. Em muita casa-grande conservavam-se seus retratos nos santuários, entre as imagens dois santos, com direito a mesma luz votiva da lamparina de azeite e às mesmas flores devotas. Também se conservavam às vezes as tranças das senhoras, os cachos dos meninos que morriam anjos. Um culto doméstico dos mortos que lembra os dos antigos gregos romanos.¹¹⁰

Observa-se desta forma que os cultos aos santos católicos foram umas das maiores transformações do catolicismo, como exemplo, segundo Valente “temos Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora da Piedade, que, para os negros, tornou-se a entidade Iemanjá, usada tanto na igreja como nas religiões afro-brasileiras, porém com rituais diferentes”¹¹¹. Destaca-se também como exemplo da transformação do símbolo católico, de acordo com Ribeiro “a lavagem das escadas da Igreja Nosso Senhor do Bonfim, na Bahia, empreendidas pelas mães de santos e filhas de santos, demonstrando, assim, outra relação com a Igreja Católica”¹¹².

Segundo Reginaldo Prandi, “com a transformação dos santos católicos, os negros passaram a cultuar seus deuses e os invocarem por meio dos santos transformados”¹¹³. Porém, deve-se compreender que, em cada lugar, a correlação entre santos católicos e os deuses africanos era distinto. Ainda, de acordo com Prandi, “a relação com um ou outro santo dependia da região do país, diversificando de acordo com a estima do santo local”¹¹⁴. Destacando-se assim como exemplo de transformação do catolicismo segundo Sérgio Figueiredo Ferretti “as peregrinações que os católicos passaram a fazer após conhecerem os costumes negros, além das danças nos festivais dos santos, a música dançante e as rezas nas casas”¹¹⁵.

¹¹⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 51. Ed. São Paulo: Globo, 2019. p. 40.

¹¹¹ VALENTE, 1955, p. 155.

¹¹² RIBEIRO, 2012, p. 20.

¹¹³ PRANDI, Reginaldo. *Referências sociais das religiões afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 1999. p. 58.

¹¹⁴ PRANDI, 2000, p. 75

¹¹⁵ FERRETTI, 2007, p. 111.

3 DA ESCRAVIDÃO À RELIGIOSIDADE PRESENTE OBRA A *ES CRAVA ISAURA*

A chegada dos negros ao território brasileiro por meio da colonização possibilitou a união de várias etnias, costumes, línguas e religiões. Foi por meio dessa junção que o Brasil se tornou um país multicultural e reconhecido por construir uma brasilidade que envolve linguagens, sentimentos, tradições e crenças. Desta forma, as religiões que aqui se formaram surgiram principalmente pela mistura de povos negros escravizados e dos portugueses que aqui viviam.

Desta forma, destacamos que os negros escravizados promoveram diversas e múltiplas manifestações religiosas ao se conectarem com o catolicismo brasileiro. Sendo assim, religião e escravidão são duas vertentes que se conectam e dialogam, pois foi por meio desta última que os negros vieram para o Brasil trazendo suas culturas e crenças, que em território brasileiro não podiam ser expressadas, pois no Brasil colônia a religião oficial decretada pelos portugueses era o catolicismo.

A Igreja Católica no século XIX é descrita como uma instituição por não só promover o estilo de vida da sociedade imperial, mas também por controlar todas as ações do indivíduo, principalmente fazer com que os escravos se batizassem no catolicismo, já que era a religião oficial deste período. Ela também tinha o domínio da economia e todas as decisões do império deveriam passar pela aprovação do papa.

Com isso, a religião, ao se associar à escravidão, nos permite chegar a diversas discussões, mas aqui nós aproveitaremos dessa conexão para abordar aspectos de religiosidade em uma obra literária desse período, que não só retrata os aspectos da escravidão no Brasil, mas também o mundo religioso que se firmava em uma sociedade escravocrata do século XIX.

Segundo Alves, “a literatura do século XIX, caracteriza-se como aquela que trabalha com o tema escravidão, articulando-se com as dimensões de lutas sociais em prol da abolição na construção de identidade e de poder”¹¹⁶. Obras deste período nos remetem a um momento histórico do Brasil em que os negros lutavam pela tão sonhada liberdade através do abolicionismo brasileiro.

Desta forma, a obra literária do século XIX que escolhemos para análise, além de nos fazer compreender as formas de escravidão e a luta pelo abolicionismo, também nos permitiu analisar outra característica do contexto deste século, que é o fenômeno da religião, mais

¹¹⁶ ALVES, 2012, p. 20.

precisamente a religiosidade. Esta obra, que já mencionamos em outro ponto deste trabalho, é *A Escrava Isaura*, escrita por Bernardo Guimarães e publicada em 1875, romance que se destacou neste século por mostrar um momento da história brasileira de suma importância social, como já mencionamos anteriormente o abolicionismo. Segundo Antônio Torres Montenegro, “foi o romance que muito sensibilizou a sociedade da época, por estar relacionado ao abolicionismo brasileiro”¹¹⁷.

O romance em prosa de Bernardo Guimarães de fato está relacionado à escravidão e ao abolicionismo, entretanto, ele explora não só esse contexto de escravidão, mas também a religiosidade, levando-nos a perceber as crenças, práticas e costumes religiosos da época por meio das falas dos personagens do romance, principalmente de Isaura, que sempre invoca proteção divina. Segundo Ivan Aparecido Manoel, a religiosidade.

Na sua condição exclusivamente humana, revela um atributo humano de busca do sagrado, sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga, quanto como explicação para o real vivido, ou ainda mesmo para negociações e entendimentos com as divindades na procura de resoluções de problemas do cotidiano.¹¹⁸

Apesar de a religiosidade não precisar de espaço e nem de religião para se manifestar, entendemos que Isaura, através de suas falas no romance, manifesta aspectos religiosos. Para tanto precisaremos analisar o contexto em que esse fenômeno religioso ocorre, e para isso, neste capítulo, inicialmente iremos descrever a construção dos personagens por Guimarães e de que forma eles atuam no romance, com o intuito de perceber a presença da religiosidade na obra.

Este capítulo se concentrará em apresentar as formas de escravidão na obra e como ela leva Isaura a mostrar que é religiosa, com isso, também mostrando aspectos de sua religiosidade. A escravidão será mostrada nos papéis da personagem Joana, Rosa e Isaura. Ambas são escravas, mas são completamente divergentes em ações e preceitos. Enquanto Isaura é símbolo de pureza e educação, Rosa é a imagem da mulher invejosa e malévola.

Contudo, não é somente o escravo negro que, no século XIX, se encontrava enclausurado a um sistema. Na obra, podemos destacar a figura da mulher que, em uma sociedade brasileira moldada no patriarcalismo, também se torna vítima de um tipo de escravidão, sustentado pela religião católica no Brasil.

¹¹⁷ MONTENEGRO, Antônio Torres. *Abolição*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1988. p. 08.

¹¹⁸ MANOEL, Ivan Aparecido. História, religião e religiosidade. *Revista de Cultura teológica*, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 105-128, 2007. p. 107.

3.1 As especificidades dos personagens da obra de Guimarães

Ao analisarmos os personagens construídos na obra *A Escrava Isaura*, conseguimos perceber que os protagonistas transmitem características de uma sociedade moldada no sistema patriarcal escravocrata, além de representarem uma época em que a igreja era vista como uma instituição que tinha como dever a guarda dos valores tradicionais, como a obediência e a pureza. Com isso, nesta primeira seção, iremos analisar a construção de alguns personagens, em especial a protagonista Isaura, na qual Bernardo Guimarães constrói o papel de escrava branca e heroína que passará por diversos desafios.

De acordo com Silveira.

Bernardo Guimarães não foi um autor que se escondeu ou tentou entrar no debate apenas indiretamente. Suas narrativas foram construídas a partir do desejo de transformação de uma sociedade. Para tanto, o literato se esmerou na construção de personagens e situações que deveriam instigar, provocar e até mesmo incomodar a muitos de seus leitores.¹¹⁹

Para tanto, o romance *A Escrava Isaura* foi construído com base em uma tríade, ou seja, um conjunto de três personagens que são o herói, o vilão e a heroína, característicos dos romances populares do século XIX. Em seu romance, Guimarães constrói a heroína com características moldadas nos dogmas da Igreja Católica de seu período, no qual a personagem fisicamente era uma escrava branca belíssima que causava inveja a outras moças, não só pela beleza, mas também pela educação que receberá na fazenda, como descrito na obra.

Cor clara, e tez delicada como de qualquer branca: olhos pretos e grandes, cabelos da mesma cor, compridos e ligeiramente ondulados, boca pequena, rosada e bem feita, dentes alvos e bem dispostos, nariz saliente e bem talhado, cintura delgada, talhe esbelto e estatura regular.¹²⁰

Assim, Isaura não passa pela senzala como os demais escravos. Ela vivia na casa da fazenda com seus donos, o comendador Almeida e sua esposa. A esposa do comendador Almeida lhe oferecerá a melhor educação, a mesma dada às moças brancas de famílias ricas do século XIX. Desta forma, a heroína do romance passou a ser criada pela senhora da fazenda como uma filha da classe alta da época, como descrito no romance.

¹¹⁹ SILVEIRA, 2013, p. 12.

¹²⁰ GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. 2. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2019. p. 75.

Deram-te uma educação, como não tiveram muitas ricas e ilustres damas que eu conheço.¹²¹

Voltando ao início do romance, não podemos esquecer da personagem Joana, mãe de Isaura, que foi elaborada pelo autor para caracterizar o papel da escrava negra mais bonita da fazenda e que sempre tentava fugir das investidas de seu dono, o comendador Almeida, patrão da fazenda. É da relação de Joana com o capataz da fazenda Miguel, um homem bom e honesto, que surge a heroína do romance de Guimarães.

As mais violentas e amargas explorações, o comentador não ousou mais empregar a violência contra a pobre escrava, e tão pouco conseguiu jamais por outro qualquer meio superar a invencível repugnância que lhe inspirava. Enfurece-se com tanta resistência, e deliberou em seu coração perverso vingar-se da maneira mais bárbara e ignóbil, acabrunhando-a de trabalhos e castigos que em breve precipitou no túmulo, antes que pudesse acabar de criar a sua tenra mimosa filhinha.¹²²

Ao perceber que Joana havia morrido e deixado a pequena Isaura no mundo, a esposa do comendador, que já sabia da horrorosa vida mundana do marido com Joana, resolveu criar a filha da escrava como filha. Essa senhora é caracterizada pelo escritor do romance como uma mulher de valores divinos.

Uma santa mulher, um anjo de bondade, curvou-se sobre o berço da pobre criança e veio ampará-la à sombra de suas asas caridosas. A mulher do comendador considerou aquela tenra e formosa cria como um mimo, que do céu lhe enviava para consolá-la das angústias e dissabores, que tragava a consequência dos torpes desmandos de seu devasso marido. Levantou ao céu os olhos banhados em lágrimas, e jurou pela alma da infeliz mulata encarregar-se do futuro de Isaura, criá-la e educá-la, como se fosse sua filha.¹²³

Em contrapartida, o comendador Almeida é representado como um canalha, imundo, rude e avaro, que tratava seus escravos com desumanidade inigualável. Muitas das vezes, mandava açoitar a escrava Joana, por ela não aceitar ser sua amante. O relato de sua personalidade e características pode ser visto na obra quando o autor o descreve como sendo:

Um homem libidinoso e sem escrúpulos olhava as escravas como serrallo à sua disposição, lançou olhos cobiçosos e ardentes de lascívia sobre a gentil mucama (Joana). Por muito tempo resistiu ela as suas brutais solicitações, mas por fim teve que ceder às ameaças e violências.¹²⁴

¹²¹ GUIMARÃES, 2019, p. 18.

¹²² GUIMARÃES, 2019, p. 21.

¹²³ GUIMARÃES, 2019, p. 21.

¹²⁴ GUIMARÃES, 2019, p. 21.

Já o filho do comendador, o jovem senhor Leôncio, é construído com base em um jovem vilão que consegue tudo o que quer. Ele se caracteriza por ser libertino, devasso e insensível, assim como o pai. Desde criança e até a fase adulta, sempre fazia o que queria, principalmente gastando o dinheiro de seu pai para viver suas aventuras. No fim, Leôncio se torna um homem cruel e inescrupuloso que terá uma paixão doentia e autoritária por Isaura e começará a persegui-la de todas as formas, após a morte de seus pais.

Leôncio era o único filho do ourudo magnífico comendador Almeida, desde sua infância tinha larguezas e facilidades de seus pais amplos meios de corromper o coração e extraviar a inteligência. Mau aluno e criança irreconhecível, turbulento e insubordinado.¹²⁵

Durante o romance, além de Isaura, somos apresentados a outras personagens mulheres, como é o caso da personagem Malvina, que é retratada na obra como uma jovem adorável, linda, educada, requintada e elegante. Uma mulher moldada nas características do patriarcalismo da época. Como podemos ver na frase do romance em que Malvina é apresentada como uma “formosa filha de um riquíssimo mercador da corte, camarada do comendador que já estava destinada a Leôncio”¹²⁶.

Contudo, todas essas virtudes da jovem Malvina, para Leôncio, não se igualam às de Isaura. A personagem Malvina, ao se casar com Leôncio, passa a morar na fazenda juntamente com seu irmão Henrique, jovem rico, bondoso e estudioso que sempre está disposto a ajudar a sua irmã. “Henrique era elegante e bonito rapaz de vinte anos, airado, vaidoso e estouvado, como quase todos os jovens”¹²⁷

O jovem Henrique vai ser um personagem secundário que em certo momento do romance irá ter uma grande importância. Sua relevância na história ocorre quando ele gera uma briga com o marido de sua irmã ao descobrir as verdadeiras intenções de seu cunhado para com a escrava Isaura. Como descrito na obra.

-Arre lá, senhor! Bradou a escrava já no auge da impaciência. –Já não me bastava o senhor Leôncio! ...agora vem o senhor também.

- como?... que estás dizendo?...também Leôncio?...oh...oh bem o coração estava adivinhando! ...que infâmia.¹²⁸

-AH! Perdão, meu cunhado! – disse ele – não sabia que a peregrina joia do seu salão lhe merecesse tanto cuidado, que levasse ao ponto de andá-la espionando; creio que

¹²⁵ GUIMARÃES, 2019, p. 19.

¹²⁶ GUIMARÃES, 2019, p. 20.

¹²⁷ GUIMARÃES, 2019, p. 23.

¹²⁸ GUIMARÃES, 2019, p. 26.

mais zelo por ela do que mesmo pelo respeito que se deve a sua casa e à sua mulher. Pobre de minha irmã!¹²⁹

Outro personagem importante para a construção do romance é o corcunda Belchior, funcionário do senhor Leôncio, que mostra não só que é fiel e submisso a seu chefe, mas também mostra um afeto pela personagem principal, Isaura. O senhor Belchior fisicamente é assustador, horroroso, corcunda e atarracado, mas de coração puro e bom. Segundo Rodrigo Torres Dias, “esse personagem mostra a influência que Guimarães recebeu das obras de Vitor Hugo, pois em uma das obras do Francês existe um famoso personagem corcunda chamado Notre-Dame”¹³⁰.

Era um mostrengo afetando formas humanas, um homúnculo em tudo mal construído, de cabeça enorme, tronco raquítico, pernas curtas e arqueadas para fora, cabeludo como um urso, e feio como um mono. Era como um desses truões disformes, que formavam parte indispensável do séquito de um grande rei da média idade, para divertimento dele e de seus cortesões. A natureza esquecera de lhe formar o pescoço, e a cabeça disforme nascia-lhe de dentro de uma formidável corcova, que a resguardava quase como um capuz. Bem reparado todavia, o rosto não era muito irregular, nem repugnante, e exprimia muita cordura, submissão e bonomia. Isaura teria soltado um grito de pavor, se há muito não estivesse familiarizada com aquela estranha figura. Pois era ele, sem mais nem menos, o senhor Belchior, fiel e excelente ilhéu, que a muitos anos exercia naquela fazenda mui digna e conscienciosamente, apesar de sua deformidade e idiotismo, o cargo de jardineiro.¹³¹

Outra personagem que merece destaque nessa obra é a mulata Rosa, uma negra, bonita, sensual, invejosa, dissimulada e que adorava aproveitar as oportunidades para se dar bem com Leôncio.

Uma rapariguinha, a mais faceira e gentil que se pode imaginar nesse gênero. Esbelta e flexível de corpo, tinha o rostinho mimoso, lábios um tanto grossos, mas bem modelados, voluptuosos, úmidos, e vermelhos como boninas que acabam de desabrochar em manhã de abril. Os olhos negros não eram muito grandes, mas tinham uma viveza e travessura encantadoras. Os cabelos negros e anelados podiam estar bem na cabeça da mais branca fidalga de além-mar. Ela, porém, trazia curtos e mui bem frisados à maneira dos homens. Isso longe de tirar-lhe a graça, dava à sua fisionomia zombeteira e espevitada um chiste original e encantador. Se não fossem os brinquinhos de ouro, que lhe tremiam nas pequenas e bem molduradas orelhas, e os túrgidos e ofegantes seios que como dois trêfegos cabritinhos lhe pulavam por baixo da transparente camisa.¹³²

¹²⁹ GUIMARÃES, 2019, p. 27.

¹³⁰ DIAS, Rodrigo Torres. O corcunda de Notre-Dame e a escrava Isaura: Um diálogo entre Victor Hugo e Bernardo Guimarães. *Revista Entrelaces*, Ceará, ano 6, n. 7, p. 63-73, 2016. p. 74.

¹³¹ GUIMARÃES, 2019, p. 30.

¹³² GUIMARÃES, 2019, p. 39.

Observa-se que a personagem Rosa é o contraste de Isaura não só na cor da pele, mas também no comportamento e nos preceitos, pois, enquanto Isaura é inocente, amável, pura e religiosa, Rosa é invejosa, malévola e oportunista. A personagem Rosa é uma escrava formada no romance para fazer várias intrigas contra Isaura, por ter inveja de tudo que a escrava de pele branca tinha.

- E que mais merece aquela impostora? –murmurou a invejosa e malévola Rosa. Pensa que por estar servindo na sala é melhor que as outras, e não faz caso de ninguém. Deu agora em namorar os moços brancos, e como o pai diz que há de forrar ela, pensa que é uma grande senhora. Pobre do Senhor Miguel!... não tem onde cair morto, e há de forrar a filha.¹³³

Ainda de acordo com Benevides.

Rosa representava o estereótipo da mulher negra africana com características consideradas como genuinamente negras, como a maldade e a sua cessão ao promíscuo Leôncio, da qual o mesmo aproveitará à exaustão, sem nunca conseguir tocar em Isaura, que se mantinha casta e pura, à revelia de seu torpe senhor.¹³⁴

Leôncio, com uma paixão cada vez mais doentia por Isaura, não à deixa em paz nem um segundo. Tal sentimento fez com que a jovem planejasse uma fuga com a ajuda de seu pai Miguel para a cidade de Recife. Ao chegar à cidade, conhece em um baile de máscara o jovem Álvaro, personagem construído para ser o herói de Isaura.

Álvaro era um desses entes privilegiados, sobre quem a natureza e a fortuna parecem ter querido despejar à porfia todo o cofre de seus favores. Filho único de uma distinta e opulenta família, na idade de vinte e cinco anos, era órfão de pai e mãe, e senhor de uma fortuna de cerca de dois mil contos. Era de estatura regular, esbelto, bem feito e belo, mais bela nobre e simpática expressão da fisionomia do que belos traços físicos.¹³⁵

Na figura de herói, temos Álvaro, um jovem que repudia qualquer indiferença social, principalmente os privilégios que a nobreza obtinha no século XIX. Ele era considerado um liberal republicano ou um quase socialista que defendia as ideias de igualdade.

De alma original, cheia de grandes e generosas aspirações, aprazia-se mais na indagação das altas questões políticas e sociais. Tinha ódio a todos os privilégios e distinções sociais, e é escusado dizer que era liberal, republicano e quase socialista.¹³⁶

¹³³ GUIMARÃES, 2019, p. 41.

¹³⁴ BENEVIDES, 2017, p. 15.

¹³⁵ GUIMARÃES, 2019, p. 60.

¹³⁶ GUIMARÃES, 2019, p. 60.

Ao encontrar Isaura, ambos correspondem ao amor, já que foram criados por Bernardo Guimarães para serem o herói e a heroína. Contudo, Álvaro descobre que sua amada é uma escrava foragida e que, para esse amor se concretizasse, teria que superar as artimanhas de Leôncio, que desejava Isaura acima de qualquer coisa, e também de uma sociedade totalmente escravista. Por ser um idealista, Álvaro em nenhum momento mostrou ter vergonha de sua paixão por uma escrava.

A escravidão em si é uma ingenuidade, uma úlcera hedionda na face da nação, que a tolera e protege. Por minha parte, nenhum motivo enxergo para levar a esse ponto o respeito por um preconceito absurdo, resultante de um abuso que nos desonra aos olhos do mundo civilizado.¹³⁷

Para Benevides, esse momento do romance mostra.

Um enunciado abolicionista que se expressa tanto pelo sofrimento da bela Isaura quanto pelo jovem idealista, Álvaro, que só não tem receio de assumir sua paixão pela escrava e lutar por sua liberdade, mas entendia a escravidão enquanto instituição de atraso vergonhoso à nação.¹³⁸

Desta forma, podemos entender que Bernardo Guimarães criou cada personagem com a intenção de representar cada característica do século XIX, como a escravidão, o patriarcalismo, o abolicionismo e o religioso. Na personagem Isaura, o autor retrata os aspectos da escravidão e do tratamento dado ao gênero feminino em uma sociedade patriarcal.

É diante das aflições que Isaura tenta amenizar sua dor, solidão e sofrimento, em um ser divino para buscar força, refúgio, conforto e inspiração. Na obra, ela sempre orava e levantava a voz ao céu pedindo proteção. A personagem também é elemento de muita representatividade do catolicismo de sua época, já que fora criada pela esposa do comendador nesta religião. Para tratar dessa característica religiosa de Isaura, a próxima seção analisará a religiosidade na obra e de que forma ela se apresenta nas falas da personagem, além de retratar os aspectos da escravidão e os preceitos da mulher do século XIX.

¹³⁷ GUIMARÃES, 2019, p. 87.

¹³⁸ BENEVIDES, 2017, p. 18.

3.2 A religiosidade presente no discurso dos personagens

A religião está associada a vários indicadores da vida do homem, principalmente no que diz respeito ao bem-estar psicológico. Nos últimos séculos, o crescimento do número de pessoas religiosas é significativo, já que a religiosidade faz com que o homem faça reflexões sobre sua vida, além de influenciar na sua relação com o mundo.

Diante do exposto, destacaremos agora Isaura, uma personagem que, em seu dia a dia, sofria nas mãos do senhor Leôncio, passando por vários momentos de tortura emocional e que buscava sempre um refúgio na fé, expressão que consideramos ser um fenômeno da religiosidade, pois, ao crer em algo divino que lhe dava proteção, a escrava manifestava uma religiosidade. Para essa afirmação, mostraremos a frase “- Meu Deus! Clamou Isaura com um ligeiro tom de mofa- tanta grandeza me aterra; isso faria virar-me o juízo”¹³⁹.

Segundo Letícia Oliveira Alminhana e Alexandre Moreira Almeida, “quando um indivíduo usa a religiosidade para obter uma finalidade, encontramos uma orientação religiosa”¹⁴⁰. Portanto, podemos compreender que a invocação de Isaura a Deus, para solicitar segurança e consolo, seria um ótimo exemplo de orientação religiosa presente na obra de Guimarães, pois Isaura, em constantes momentos, busca o consolo divino para suas aflições diante dos tormentos feitos por Leôncio durante a convivência na fazenda.

No romance, Isaura está desde o início ligada ao catolicismo, pois, segundo a história, a escrava teria sido educada por uma dona muito católica, além de ser a religião predominante da época da produção do romance. Na obra, um dos assuntos que se destaca é justamente a religião, que marca a vida de Isaura como escrava. Logo no início da trama, a presença do catolicismo da escrava pode ser destacada no seguinte trecho, “Uma pequena cruz de azeviche dependurada no pescoço por uma fita preta designava o seu único ornamento”¹⁴¹.

A cruz utilizada por Isaura é um dos maiores símbolos do cristianismo, segundo Santos, “a cruz mostra a marca da religião principal da era monárquica”¹⁴². A cruz, portanto, além de um símbolo de fé, é também uma forma de manifestação da religião predominante no Brasil do século XIX. Sendo assim, podemos subentender que, ao descrever a cruz e os pedidos de proteção feitos por Isaura, a protagonista tinha consciência de suas limitações e que estas limitações poderiam ser superadas através da experiência religiosa.

¹³⁹ GUIMARÃES, 2019, p. 26.

¹⁴⁰ ALMINHANA, Letícia Oliveira; ALMEIDA, Alexandre Moreira. Personalidade e religiosidade/espiritual (R/E). *Revista psiquiatria clínica*, São Paulo, v. 36, n.4, p. 153-161, 2009. p. 155.

¹⁴¹ GUIMARÃES, 2019, p. 17.

¹⁴² SANTOS, 2017, p. 09.

Dessa forma, a religiosidade aparece como um fenômeno que está relacionado com a busca do homem por responder aos seus questionamentos existenciais e dar sentido à vida. Podemos também enfatizar a visão de Cynthia de Freitas Melo et al., que descrevem “a religiosidade como uma busca do homem por uma transcendência, pois é um dos meios pelos quais pode vivenciar a espiritualidade”¹⁴³.

Esse dar sentido à vida é perceptível nas indagações de Isaura, quando ela se questiona por que ter nascido de pele branca e ter sangue negro. Mas, de acordo Melo et al., “o fenômeno da religiosidade faz com que o indivíduo faça reflexões sobre si mesmo e de suas relações com o outro para que, assim, busque significado para sua existência”¹⁴⁴.

O exemplo abaixo marca positivamente a religiosidade da personagem Isaura na busca de compreender o porquê de ter nascido cativa de pele branca. “Meu Deus! Meu Deus!... já que tive a desgraça de nascer cativa, não era melhor que tivesse nascido bruta e disforme, como a mais vil das negras, do que ter recebido do céu estes dotes, que só servem para amargurar-me a existência?”¹⁴⁵.

Então, podemos observar na obra que Isaura acredita em um ser divino, onipotente, celestial, com quem conversa, desabafa, lamenta e para quem interpelava sobre sua própria vida, perguntando-se em certos trechos do porquê de ter tido uma educação nobre se não tinha paz, provando a conclusão de que, mesmo tendo todas essas habilidades, sua vida era sofrida, mesmo sendo branca. Sendo assim, diante do clamor da personagem, verifica-se que existe religiosidade na fala de Isaura, pois, de acordo com Melo, “a religiosidade também pode ser observada em pedidos de proteção e satisfação”¹⁴⁶.

É na exaltação pelo nome de Deus que podemos perceber a religiosidade presente em Isaura.

Ah! Meu Deus! Pensava ela; nem aqui posso achar um pouco de sossego! Em toda parte juraram martirizar-me!¹⁴⁷
Murmurou tristemente dentro d’alma: meu Deus! É ele! É chegada a hora do suplício.¹⁴⁸

¹⁴³ MELO, Cynthia de Freitas et al. Correlação entre religiosidade, espiritual e qualidade de vida: uma revisão de literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 447-464, 2005. p. 451.

¹⁴⁴ MELO et. al., 2005, p. 450.

¹⁴⁵ GUIMARÃES, 2019, p. 43.

¹⁴⁶ MELO et. al., 2005, p. 449.

¹⁴⁷ GUIMARÃES, 2019, p. 43.

¹⁴⁸ GUIMARÃES, 2019, p. 44.

Na frase seguinte, podemos verificar a religiosidade de Isaura ainda mais forte no catolicismo, quando a personagem invoca o nome de Nossa Senhora da Piedade, pedindo a proteção da santa, que goza de muita representatividade no catolicismo.

Virgem Senhora da Piedade, santíssima mãe de Deus! Vós sabeis se sou inocente, e se mereço tão cruel trato. Socorrei-me neste transe aflitivo, porque neste mundo ninguém pode valer-me. Livrai-me das garras de um algoz, que ameaça não só a minha vida, como a minha inocência e honestidade.¹⁴⁹

Desta forma, podemos destacar que existe religiosidade, portanto, elementos de religiosidade na obra de Guimarães, pois, de acordo com Rose Murakami e Claudinei José Gomes Campos.

A religiosidade é um fenômeno que implica na mobilização de energia positiva, a fé. As pessoas que têm fé se sentem mais fortes para enfrentar as dificuldades e a continuar a lutar por sua sobrevivência, acreditando que será curada de seus males. A fé faz o indivíduo acreditar numa provisão sobrenatural, capaz de intervir favoravelmente em situação concreta de vida.¹⁵⁰

Essa provisão espiritual pode ser percebida em outra fala de Isaura.

Iluminai-lhe o espírito e infundir-lhe no coração brandura e misericórdia para que se compadeça de sua infeliz cativa. É uma humilde escrava que com lágrimas nos olhos e dor no coração vos roga pelas vossas dores sacrossantas, pelas chagas do vosso Divino Filho: valei-me por piedade.¹⁵¹

Podemos observar que a religião católica é descrita diversas vezes no romance e evidencia que Isaura também acreditava em símbolos sagrados do catolicismo, como é o caso de Maria, a Mãe de Jesus. Desta forma, Isaura pode ser considerada uma mulher de fé que buscava na inspiração divina do catolicismo uma esperança na busca pela liberdade, recorrendo à religião, por diversas vezes na obra, para ter forças para superar os problemas que aconteciam em sua vida. “Senhor! - respondeu a escrava erguendo-se sobressaltada, depois murmurou tristemente dentro d’alma: meu Deus! É ele!...é chegada a hora do suplício”¹⁵².

Outra marca da religiosidade católica também se apresenta na seguinte fala de Isaura.

¹⁴⁹ GUIMARÃES, 2019, p. 53.

¹⁵⁰ MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, p. 361-367, 2012. p. 363.

¹⁵¹ GUIMARÃES, 2019, p. 53.

¹⁵² GUIMARÃES, 2019, p. 45.

Voltando para o céu o busto mavioso plantado sobre um colo escultural, oferecia ao artista inspirado o mais belo e sublime modelo para a efígie da Mãe Dolorosa, a quem nesse momento dirigia suas ardentes súplicas. Os anjos do céu, que por certo naquele instante a desejavam em torno dela agitando as asas de ouro de carmim, não podiam deixar de levar tão férvida e dolorosa prece aos pés do trono da consoladora dos aflitos.¹⁵³

A exaltação e invocação de proteção à Virgem Dolorosa também podem mostrar mais do que uma religiosidade católica, independente do espaço, pois não necessita estar em lugar religioso para acreditar na proteção divina. Por isso, para os pesquisadores Paulo Rogério da Motta e Armando Rocha Júnior, “a religiosidade muitas vezes não precisa de um lugar para ser vivenciada”¹⁵⁴. E Isaura vivia isso, pois acreditava na proteção divina em qualquer situação e lugar.

Fazendo uma apreciação mais explanada, averiguo-se que, além de Isaura, outra personagem escrava também dentro do romance clama por Nossa Senhora, referindo-se a uma representação de santidade do catolicismo que pode ser averiguado na seguinte frase. “Cruz! Ave Maria! Não fala assim, tia Jacinta! Tão é melhor matar a gente de uma vez”¹⁵⁵.

Esta interlocução veio de uma negra que estava em companhia com outra personagem denominada Jacinta e outras escravas tecendo em um dos aposentos da casa grande e conversando sobre a astúcia do novo senhorio da fazenda, o fidalgo Leôncio, já que seu pai, o comendador Almeida, havia finado. É por meio desse diálogo sobre o quanto Leôncio era perverso que surgiu um indicio da existência de uma religiosidade comum no cotidiano popular descrito na obra, a qual Machado argumenta ser “um espólio herdado pelo catolicismo colonial”¹⁵⁶.

A obra não retrata apenas momentos de religiosidade, mas principalmente a realidade social do século XIX. Bernardo Guimarães faz um contraste do estereótipo negro, pois constrói uma personagem de pele branca, mas de sangue negro. Diante disso, no próximo tópico, será abordada a escravidão e como ela é retratada no romance, além dos preconceitos de gênero demonstrados na obra.

¹⁵³ GUIMARÃES, 2019, p. 54.

¹⁵⁴ MOTTA, Paulo Rogério; JÚNIOR, Armando Rocha. Psicologia, religião e espiritualidade: considerações sobre a natureza humana e o sentido existencial. *Revista educação*, v. 6, n. 2, p. 88-104, 2011. p. 93.

¹⁵⁵ GUIMARÃES, 2019, p. 40.

¹⁵⁶ MACHADO, 2000, p. 215.

3.3 As formas de escravidão e os preconceitos retratados na obra

O romance *A escrava Isaura* destaca-se por ser uma obra literária com referências ao abolicionismo. Nesta obra, destacam-se duas versões de escravidão, ou seja, aquela que prende apenas sua liberdade de ser livre e aquela que oprime severamente o negro na sociedade escravocrata.

A obra apresenta personagens escravos marcantes, entre eles, a escrava Isaura, uma jovem branca, belíssima, de cabelos longos, dócil, pura, bondosa, inteligente e gentil, que, segundo Guimarães, “sabia ler e escrever, falava os idiomas italiano e francês, além de tocar piano”¹⁵⁷. Uma figura que parecia saber a trajetória de sua vida do início ao término, sempre suportando as humilhações desferidas pelo seu patrão com conformismo e entendimento.

Logo, Por ter um tratamento diferenciado, a escrava branca motivava inveja em outras escravas e, com sua beleza, induzia a paixão e o desejo dos homens ao matrimônio. O preconceito era subentendido, já que Isaura só era cortejada porque era clara, pois hipoteticamente, se tivesse a pele escura, não seria cortejada. “És formosa, e tens uma cor linda, que nenhuma pessoa diria que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano”¹⁵⁸.

Por consequência, Isaura sempre se lembrava da condição em que vivia, uma serva como outra qualquer, sem direito de escolher seu caminho, seu amor. Porém, percebe-se que Isaura, escrava de pele branca, não sofria todas as punições da escravidão como os demais escravos que eram açoitados e castigados, mas apenas sofria por ser branca e não poder usufruir dessa cor para ser livre e fazer suas próprias escolhas. Apesar de que a cor branca não dava à mulher branca o direito de ser livre e participar dos assuntos políticos, sociais, econômicos, já que a mulher no Brasil do século XIX era destinada apenas para o lar.

Ainda, em acontecimentos ocorridos na obra de Bernardo Guimarães, o pai de Isaura, não suportando ver a filha passar por tamanha injustiça e humilhação, planeja uma fuga para o Recife. A filha aceita e consegue o feito, e nesta cidade conhece Álvaro, por quem se apaixona. Mas, infelizmente, Isaura é encontrada pelos capatazes de Leôncio, que a levam de volta para a fazenda, onde sofre mais ainda, ficando enclausurada numa solitária, entendendo tal sofrimento, pois compreendia sua situação como escrava. Segundo Guimarães, no cativeiro, a compreensão de Isaura sobre sua condição de escrava também é observada por Leôncio, que “Recusa o uso da tortura e da violência brutal, não porque lhe faltasse bravesa

¹⁵⁷ GUIMARÃES, 2019, p. 21.

¹⁵⁸ GUIMARÃES, 2019, p. 18.

para tanto, mas porque, conhecendo o temperamento de Isaura, percebeu que com tais meios só conseguiria matá-la, e a morte de Isaura não satisfaria seu desejo”¹⁵⁹.

Sendo assim, Leôncio preferiu manter a escrava Isaura presa por muito tempo em uma senzala fria e escura, como punição por sua fuga da fazenda.

André e Rosa espanejavam os móveis do salão, tagarelando prazerosamente, uma cena bem triste e repugnante se passava em um escuro aposento atinente às senzalas, onde Isaura sentada sobre um cepo, com um dos alvos e mimosos artelhos presos por uma corrente cravada à parede, há dois meses se achava encarcerada.¹⁶⁰

Percebe-se, desta forma, que os fatos encontrados nessa obra caracterizam uma sociedade escravocrata de atitudes ásperas, cruéis e rígidas e que Isaura, apesar de não sofrer castigos iguais aos outros escravos da fazenda, ainda sim sofreu com a escravidão, pois não tinha direito de expressar seus pensamentos e desejos, tendo somente que obedecer e servir aos desejos e ordens de seu senhor.

Observamos, portanto, que a escravidão retratada na personagem Isaura era diferente, pois na heroína não eram consumadas punições físicas, sendo realizadas na personagem outras punições, como o constrangimento social e o ataque psicológico, castigos estes usados de forma mais frequente nas mulheres que vivem em um sistema patriarcal, onde devem ser submissas ao homem, considerado neste sistema como o chefe da família.

A obra também retrata o outro lado da escravidão, a mais sofrida, ou seja, de como os escravos africanos eram tratados quando praticavam atos de desobediência aos comandos de seu senhor, pois, diferentemente do castigo de Isaura, esses eram açoitados, trabalhavam arduamente sem descanso, eram castigados com as mais severas punições.

Este não quer saber de fiados, nem de tecidos, não, a pouco nós tudo vai pra roça puxar enxada de sol a sol, ou para o cafezal colher café e o pirá do feitor atrás de nós. – Não sei o que era melhor, se estar na roça labutando de enxada, ou aqui pregada na roda, desde que amanhece até as nove, dez horas da noite.¹⁶¹

Analisamos que, na obra, a escravidão também é retratada como algo que tira a vida e a dignidade das pessoas. Onde homens negros, mulheres negras e até crianças negras não podiam obter nem um terço de mordomia da vida dos brancos. Destaca-se, dessa forma, que o romance *A Escrava Isaura*, ao apresentar uma protagonista de pele branca, que possui descendência de uma escrava, chama a atenção de seus leitores para a tormenta da escravidão

¹⁵⁹ GUIMARÃES, 2019, p. 102.

¹⁶⁰ GUIMARÃES, 2019, p. 105.

¹⁶¹ GUIMARÃES, 2019, p. 40.

que ocorre ainda no Brasil do século XIX. Entretanto, é válido ressaltar que o autor também chama a atenção de seus leitores para a existência de outras formas de escravidão, como a existente no caso das mulheres em suas casas.

Deste modo, a violência que sofriam os escravos que também é vista no romance mostrava o temor que eles tinham de seus senhores. A obra enfatiza também a violência dos senhores de fazendas com suas escravas, que, além de trabalharem de forma forçada, eram vítimas de estupros constantes realizados por seus senhores e feitores. Fato que acontece na obra no papel de Joana, mãe de Isaura, que foi abusada por seu senhor, o comendador Almeida.

De acordo com Benevides, a mulher negra, além de ser considerada propriedade.

As mulheres negras escravizadas eram submetidas aos desejos e vontades libidinosos e violentos de seus donos no Brasil. As mesmas também eram consideradas mulheres com ardor sexual nato, pela influência africana em seu sangue, já que a sociedade brasileira considerava o continente africano um antro de selvageria e barbárie.¹⁶²

Observa-se aqui que a mulher negra era vista como objeto pelo homem branco, aquela que servia para suprir as suas necessidades fisiológicas. E tudo isso acontecia de forma brutal, pois muitas escravas não consentiam em serem tocadas e lutavam, forçando o homem branco a usar a força.

Assim sendo, o século XIX é marcado pela escravidão no Brasil, entretanto, também surgiram várias leis que ajudaram os escravos a obter uma nova realidade de vida. A obra de Bernardo Guimarães mostra também um ponto muito importante desse século no Brasil, o surgimento do movimento abolicionista. No Brasil, o movimento ganhou força através de associações e intelectuais, que montaram conferências e eventos públicos nos quais levantaram fundos para pagar a alforria de escravos e advogados para atuarem efetivamente contra os donos de escravos.

Destaca-se desta forma que a obra retrata os indícios do fim da escravidão no Brasil. Podemos também destacar neste período o surgimento de mecanismos legais que criminalizaram no governo imperial brasileiro o tráfico negreiro da África para o Brasil, destacando-se assim a lei Euzébio de Queiroz e, posteriormente, a lei do Ventre Livre, que proibia a escravidão dos descendentes de escravos no Brasil, lei esta que não era assegurada a Isaura, pois nascera antes das referidas leis serem criadas, segundo o romance.

¹⁶² BENEVIDES, 2017, p. 12.

Em *A Escrava Isaura*, Bernardo Guimarães, talvez veladamente, acabava por realçar que a escravidão é inadequada apenas para entes tão notáveis como Isaura, que, por ser branca e bela, não mereceria a condição de cativa. Mas, para os escravos negros, iletrados e feios, a escravidão era aceita. Tirando Isaura, parece que nenhum dos outros escravos, como André, Rosa ou tia Joaquina, mereciam também a liberdade, parece que o autor torna injusta a circunstância de escrava somente à heroína Isaura.

Podemos compreender que o autor, ao fazer menção ao sistema escravista, demonstra que os negros eram tratados como objetos e não como seres humanos. Desta forma, o autor usaria Isaura para chamar atenção para este fato de desumanidade que ocorria aos negros, pois, ao colocar uma mulher branca e culta, porém filha de uma escrava negra, sem o direito à liberdade, tendo que sobreviver diante das maldades e perseguições de seu senhor Leôncio, até a chegada de seu grande amor, Guimarães acaba por denunciar aos seus leitores a realidade dura da escravidão que ainda ocorria no Brasil. Destaca-se na obra literária de Guimarães um dos trechos em que Isaura demonstra o que sentia em relação a sua vida, fadada à escravidão e à penúria de uma luta constante, nesse período de tanto amargor e pesar.

Desde o berço respirando
Os ares da escravidão,
Como semente lançada
Em terra de maldição,
A vida passo chorando
Minha triste condição.
Os meus braços estão presos,
A ninguém posso abraçar,
Nem meus lábios, nem meus olhos
Não podem de amor falar;
Deu-me Deus um coração
Somente para penar.¹⁶³

De acordo com Souza, a visão sobre as mulheres no corpo social brasileiro do século XIX era de.

Seres frágeis de intelectualmente inferiores, naturalmente dotadas para a procriação e o cuidado da casa, acompanharam a concepção ocidental desde a antiguidade, sendo essa relação de subordinação feminina X masculina a marca característica das sociedades patriarcais.¹⁶⁴

Como já mencionado anteriormente, Isaura é uma escrava branca, dentro de um sistema escravocrata e patriarcal naturalmente aceito pela sociedade. Neste ponto da história,

¹⁶³ GUIMARÃES, 2019, p. 12.

¹⁶⁴ SOUZA, 2017, p. 66.

notamos uma dualidade do preconceito diante do tratamento para com a mulher na sociedade imperialista, onde era bem educada e formada, mas era o homem que dominava, mostrando, assim, a inviabilidade de liberdade da mulher. Mesmo livre das dominações impostas aos negros, a Isaura não faz diferença ser branca, pois a cor branca não significa liberdade, devido a uma instituição social que captura a mulher ao confinamento do lar e à serventia ao esposo.

Benevides descreve que “na ambiência do século XIX o desejo de replicar valores patriarcais provocava no Brasil uma projeção de que a mulher só servia para o lar e de que o homem era superior”¹⁶⁵. Portanto, podemos destacar que o personagem Leôncio é forte exemplo de patriarcalismo, já que o fato de deter uma posição de realce propicia-lhe uma comoção de superioridade, extremado por ele numa exorbitante prepotência, como que a lhe configura o caráter. O violento e transtornado fascínio que Isaura lhe havia sugestionado o incentivava a transpor por cima de todos os impasses, a combater todas as leis de composturas e da honestidade, além de moer sem piedade o coração de sua carinhosa e meiga esposa Malvina.

Podemos também verificar na obra de Guimarães a superioridade do homem quanto à figura feminina, que, vista como objeto, devia somente prestar-lhe obediência e cumprir com seus deveres como mulher, satisfazendo os desejos que lhe eram ordenados. Não tendo liberdade de expressão e nem de pensamento, somente aceitação do que fora mandado fazer sem que houvesse questionamentos.

Assim sendo, podemos claramente observar que Isaura se enquadra nas particularidades que moldam a mulher-objeto quase de forma perfeita, através de seu aparente conformismo e passividade em relação ao poder do homem. Mesmo tendo encontrado um rapaz que a ame verdadeiramente, com afetos puros, desejando livrá-la das mãos de Leôncio, não deixa de mostrar o resultado da educação instigante que recebeu. Vejamos a passagem em que Isaura fala com seu amado, demonstrando suas esperanças de um futuro promissor, com palavras de que o significado de ser mulher do homem que ama seria como ser sua escrava. “- Ama-me, e é essa ideia que ainda mais me mortifica!... De que nos serve esse amor, se nem ao menos posso ter a fortuna de ser sua escrava e devo, sem remédio, morrer entre as mãos do meu algoz...”¹⁶⁶.

Para forçá-la a ceder, Leôncio manda Isaura para a senzala, para trabalhar como as outras escravas. Obediente e conformada com a situação de escravidão, suportou o seu

¹⁶⁵ BENEVIDES, 2017, p. 15.

¹⁶⁶ GUIMARÃES, 2019, p. 94.

destino, mas sem ceder às satisfações e desejos de Leôncio, afirmando que ele, como proprietário, era senhor de seu corpo, mas não de seu coração.

Destaca-se desta forma que Bernardo Guimarães pretende mostrar como a personagem feminina aparece escravizada de duas formas dessemelhantes; uma forma biológica, que é determinada por um comando partidário escravista, e a outra forma, de caráter social, assentada pelos modelos institucionalizados da sociedade patriarcal. Em toda obra, percebe-se que Isaura não busca, no decorrer do romance, se livrar das correntes que a aprisionam a uma estrutura alienante, mas sim se libertar da situação biológica que a faz escrava, ainda sob o despotismo de Leôncio, o qual dele espera se soltar.

No entanto, a única forma sancionada de libertar Isaura de Leôncio era arrebatando-lhe como os bens em dívida, o que faz desta forma Isaura passar de propriedade de Leôncio para a posse de Álvaro. Evidentemente, existe o elemento de romance nesta parte da obra, representado pela amabilidade entre Isaura e Álvaro, mas também há uma importante aproveitamento dessa transação ao final do romance, pois, apesar de Isaura ver de forma passiva os eventos que lhe acontecem de maneira favorável, sua alforriada ainda permanece atrelada aos elos que a unem a Álvaro e a toda uma alicerce familiar patriarcal que vai compor com o casamento, já que no documento ela passa a ser uma propriedade de Álvaro.

Por fim, na obra de Bernardo Guimarães, de acordo com Benevides, existem duas características femininas de papéis distintos na obra, como é o caso da escrava “Rosa e a de Isaura sob a perspectiva de um homem branco e referente à alta sociedade de sua época em plena campanha abolicionista”¹⁶⁷. É observável que Bernardo Guimarães expõe uma diferenciação à caracterização dos hábitos das intérpretes escravizadas Isaura e Rosa. À escrava Rosa, que não passou pelo branqueamento, são atribuídas características descritas como impróprias e, portanto, inválidas na moça protagonista que configura a perfeição, de quem ninguém diria que tem sangue negro. Portanto, a obra de Guimarães descreve perfeitamente a visão de mulher objeto que existia no século XIX no Brasil, que considerava as mulheres um ser sem direitos e opiniões, devendo somente prestar obediência ao seu senhor, seja como esposa ou como escrava.

¹⁶⁷ BENEVIDES, 2017, p. 02.

3.4 As possibilidades sincréticas na obra

O sincretismo religioso tem suas maiores expressões no Brasil pela colonização e formação do povo brasileiro. Um processo histórico repleto de misturas religiosas, culturais e étnicas que ultrapassaram os limites do que foi documentado ou do que é oficial. De acordo com Ferretti, o sincretismo está ligado “ao processo de inserção do negro na sociedade brasileira e, conseqüentemente, ao da reconstrução da sua identidade”¹⁶⁸.

Desta forma, desde o período colonial no Brasil, podem-se observar inúmeras matrizes religiosas que desembarcaram nos navios que vieram para o país entre 1500 e 1950. Nas ideias de Ribeiro, “o processamento do sincretismo religioso advém com o contato entre diferentes crenças, e para que isso ocorra, é necessária a fluxo de povos, geralmente causada por eventos de larga proporção”¹⁶⁹. É por isso que, indo a fundo no aprender do cenário, pode-se interpretar como se deu o processo do quadro sincrético do Brasil.

Diante das exposições acima, podemos verificar que o sincretismo pode ter surgido da mistura de raças dentro dos navios negreiros, portanto, foi o movimento da colonização no Brasil que possibilitou essas misturas, não só de matriz religiosa, mas também cultural e étnica.

Sendo assim, os cultos africanos de Angola, Congo, Malês e Iorubá também desembarcaram nesse contexto, encontrando e se misturando aqui com os dos Tupis, os Guaranis, os Tapuias e outras tribos que com o passar dos anos se misturaram, possibilitando diversas manifestações complexas.

Contudo, quando falamos de religião oficial no Brasil, a Igreja Católica era a religião dominante, pois era, segundo a legislação vigente na época, a religião oficial da administração colonial, assim impondo sua soberania. Porém, sendo a religião um fenômeno incontrolável do ponto de vista cultural e social, as crenças difundiram-se na mesma proporção que as miscigenações e naturalmente foram surgindo cultos que misturavam os mais diversos tipos de tradições.

Diante desse contexto sincrético, observa-se que o século XIX é repleto dessas misturas religiosas, pois, com a colonização do território brasileiro, diversas etnias foram se misturando, com seus costumes, culturas e religiões. E a partir dessa mistura formou-se o sincretismo religioso. Segundo Sérgio F. Ferretti, as teorias culturalistas “consideravam o sincretismo como um processo de mudança cultural decorrente da aculturação ou do contato

¹⁶⁸ FERRETTI, 2007, p. 110.

¹⁶⁹ RIBEIRO, 2012, p. 03.

entre culturas diferentes, uma forma de reinterpretação, exemplificada principalmente pelas regiões afro-brasileiras”. Portanto, o sincretismo é uma forma de relacionar a aliança entre o africano com o brasileiro.

Na obra *A Escrava Isaura*, apesar de não deixar explícito esse sincretismo, é compreensivo inferir sua existência, pois a obra foi escrita no período em que a escravidão ainda existia no Brasil. De acordo com Ribeiro, “era nas senzalas que começou o processo de mistura cultural, pois era comum juntar escravos de origens diferentes para dificultar rebeliões, para que eles também tivessem problemas de comunicação”¹⁷⁰. Contudo, no romance, a religião católica se destaca por ser uma herança dos colonizadores portugueses e da família real portuguesa e também por ser a religião oficial do Brasil do século XIX.

Mas, ao analisarmos na obra o contexto social e religioso do século XIX, podemos perceber a existência de sincretismo, pois, segundo Ribeiro, “os escravos negros usam a religião católica numa tentativa de mascarar suas crenças, que não eram bem vindas em um país católico”¹⁷¹. Ainda de acordo com Ribeiro, outro episódio que ajudou no sincretismo entre as religiões “foi o fato da Igreja Católica, no período da colonização, catequizar os negros, acontecimento este que proporcionou para que os negros utilizassem a religião como forma de persistência, não permitindo a destruição do eixo cultural africano”¹⁷².

Desta forma, na busca de entendermos uma ligação entre a religião africana e a católica, é de suma importância destacar que o sincretismo pode ser observado na união das divindades africanas com as divindades católicas. Ribeiro destaca que os escravos “chegaram mesmo a considerar, em alguns casos, que as entidades de ambas as religiões faziam parte do mesmo universo religioso”¹⁷³.

Diante da leitura, podemos inferir que, na fala da personagem Isaura, quando ela clama pela Mãe Dolorosa e a Senhora da Piedade na obra de Guimarães, podemos concluir a existência de elementos que evidenciem o sincretismo religioso do Brasil do século XIX. Pois, apesar de ter sido educada segundo os valores da Igreja Católica pela esposa do comendador, a heroína Isaura não esquecia que era escrava filha de mãe negra. Assim, podemos determinar que existam elementos que demonstrem o sincretismo, pois, segundo Ferretti, “o sincretismo está muito presente na religiosidade popular e nas religiões de matrizes africanas, como forma de relacionar as tradições africanas e católicas”¹⁷⁴.

¹⁷⁰ RIBEIRO, 2012, p. 03.

¹⁷¹ RIBEIRO, 2012, p. 03.

¹⁷² RIBEIRO, 2012, p. 03.

¹⁷³ RIBEIRO, 2012, p. 12.

¹⁷⁴ FERRETTI, 2007, p. 25.

Sendo assim, o sincretismo é um elemento essencial nas formas de religião, existindo nas procissões, na religiosidade popular, nas comemorações dos santos, nas diversas formas de pagamento de promessas e em festas populares. Portanto, constata-se que o sincretismo é constituído de uma das características centrais das festas religiosas populares, formando assim as religiões afro-brasileiras.

Desta forma, segundo Ferretti, o “sincretismo religioso não é algo negativo e nem um disfarce dos negros para seus rituais, como muitos afirmam, mas sim uma junção de cultura e religião que favorecia os negros a cultuarem suas entidades”¹⁷⁵. Portanto, o sincretismo nas religiões afro-brasileiras não representa um disfarce de identidades africanas nos santos católicos, mas talvez uma reinvenção de significados e uma circularidade de culturas. Portanto, demonstrando que, apesar de todos os preconceitos sistematizados a que estão submetidas às religiões africanas, elas ainda conseguem sobreviver a partir da preservação de suas raízes e do sincretismo religioso.



¹⁷⁵ FERRETTI, 2007, p. 25.

CONCLUSÃO

O final do século XIX no Brasil foi um período da história repleto de transformações e mudanças, no qual escritores brasileiros como Bernardo Guimarães retrataram em suas obras um ambiente rico de fatos e fenômenos. É neste ambiente literário, mais precisamente na obra *A Escrava Isaura*, a história abolicionista de Guimarães, que a pesquisa buscou encontrar fatos religiosos que pudessem descrever a religiosidade existente no Brasil do século XIX. A pesquisa inicia muito antes da produção de *A Escrava Isaura*, mais exatamente com a chegada da Família Real Portuguesa à colônia brasileira em 1808, trazendo consigo uma herança religiosa católica e um progresso inimaginável, como a criação de escolas, bancos, faculdade se a imprensa, transformando uma colônia em um reino próspero que absorveu e transformou o romantismo da época em uma literatura genuinamente própria.

O objetivo da pesquisa, a partir da obra de Bernardo Guimarães, foi o de observar a existência de estruturas que refletissem o cenário religioso brasileiro do século XIX e também encontrar evidências que demonstrem a religiosidade exposta na obra. Desta forma, o desafio proposto foi o de tentar identificar dentro da obra *A Escrava Isaura* elementos que pudessem sugerir a existência de religiosidade presente na obra e assim observarmos o ambiente de transformação e de mudanças que ocorriam no Brasil no período de governo do imperador Dom Pedro II. Para este fim, a pesquisa utilizou-se como fonte experiências acadêmicas, literaturas e observações bibliográficas que evidenciaram o percurso histórico que ocorria no período mencionado por Bernardo Guimarães na obra.

Para tanto, foi priorizado um caminho metodológico que permitiu uma aproximação mais consistente com o objeto da pesquisa. No primeiro capítulo, buscou-se compreender como o romantismo chegou ao Brasil e como Bernardo Guimarães acabou conhecendo o romantismo. No segundo capítulo, procurou-se ambientar a obra *A Escrava Isaura* de Guimarães no cenário intenso do Brasil do século XIX, mais precisamente no período de governo do Imperador Dom Pedro II, o qual foi citado no romance. O terceiro capítulo, além de apresentar os personagens existentes na obra, demonstra também que na obra *A Escrava Isaura* existem fundamentos representativos da religiosidade brasileira dentro do cenário romântico abolicionista de Bernardo Guimarães.

Neste cenário, a pesquisa realizou um breve contexto histórico do surgimento do romantismo no Brasil do século XIX, o qual possibilitou novos olhares para a pesquisa. Destacou-se que é a partir do romantismo que os artistas, escritores e romancistas brasileiros começaram a ter uma maior independência artística na elaboração de poesias, poemas e

romances na nova imprensa brasileira criada com a chegada da Família Real Portuguesa. Desta forma, no transcorrer da pesquisa, observou-se também que, com o surgimento da nova visão artística, independente, começou-se a criar um pensamento cultura e nacional próprio, ou seja, uma fabricação de símbolos próprios para a nova pátria brasileira.

Constatou-se na pesquisa que o romantismo poético brasileiro é marcado por três gerações poéticas que vão se diferenciando com o passar dos tempos. A primeira traz à tona o amor à pátria que antes não existia, a segunda remete-se ao mal do século, por trazer como pano de fundo as mazelas do homem, a morte como frustração, as angústias que atormentavam uma sociedade caracterizada por escravizar pessoas e ficar dividida entre a religião e o mundo. Por fim, a última geração de poetas romancistas brasileiros é marcada pelas questões sociais do século XIX, momento em que se valorizava a liberdade e por isso é uma geração romântica conhecida como condoreira, por se comparar a um condor, símbolo de liberdade.

Segundo Marcos Francisco Alves.

A literatura do século XIX tinha uma preocupação com a formação de identidade nacional que se deu através da presença de elementos da nação: o indígena, a cultura regional, costumes urbanos, a vida no sertão e também o fim da escravidão no Brasil, fazendo com que romancistas tornassem o tema como principal em suas produções literárias.¹⁷⁶

Destacou-se que as fases do romantismo foram de suma relevância e contribuíram significativamente para a construção de uma literatura brasileira madura e singular. Percebeu-se também na pesquisa que o romantismo em prosa, destacando-se a obra *A Escrava Isaura*, levou os brasileiros do século XIX a reconhecerem um Brasil multicultural escravocrata que se encontrava em uma rápida transformação econômica, política e cultural.

Para tanto, constatamos que Alves evidencia que “no romantismo o notável era a liberdade de criação dos autores dentro do seu contexto”¹⁷⁷. Desta forma, o trabalho salientou que a prosa romântica de Guimarães, escrita durante o governo do Imperador Dom Pedro II no Brasil, possibilita uma recriação da sociedade escravista da época, possibilitando também uma observação de seus costumes, modos, pensamentos, discussões e da religiosidade existente.

Desta forma, a pesquisa observou que a questão religiosa é marcante nesse período, já que a religião católica, além de ser considerada como uma instituição, também era a

¹⁷⁶ ALVES, 2012, p. 19.

¹⁷⁷ ALVES, 2012, p. 23.

religião oficial do governo brasileiro do século XIX. Sendo assim, o presente trabalho apropriou-se da obra literária romântica *A Escrava Isaura*, produzida por Bernardo Guimarães e publicada em 1875, nos primeiros anos de governo do Imperador Dom Pedro II, como mecanismo de contribuição para a investigação religiosa desse período no Brasil.

Este romance se destaca por se enquadrar nos moldes político-sociais do final do século XIX, quando a abolição era o discurso predominante do momento. Pela análise da prosa de Guimarães, que estava ciente dos eventos de seu período, pudemos perceber como o debate abolicionista acontecia e a sociedade brasileira da época agia. Desta forma, o estudo desta obra exigiu uma relevância tanto ao escrito quanto ao seu contexto histórico.

Segundo Luiz Carlos Alves.

A Escrava Isaura é uma resposta a determinadas solicitações da época, uma resposta que não parece meramente oportunista, como querem fazer admitir alguns de seus críticos, mas necessária como sinal de presença do autor romântico que, apesar de já ter conquistado o seu espaço na literatura brasileira, não se sentia acomodado nem alheio ao que se passava a sua volta. É *A Escrava Isaura*, assim, o resultado de uma atitude do autor perante a questão abolicionista.¹⁷⁸

É comum os leitores fazerem uma abordagem abolicionista da obra, já que nela se observam conteúdos relacionados à vida do escravo negro e à existência de uma classe social dominante branca que usava a religião católica da época como base para legitimar a existência da escravidão no Brasil. Porém, observou-se que Bernardo Guimarães, tentando sensibilizar a população brasileira, cria um drama de época com uma escrava branca de cruz no pescoço, com boa educação, que consegue sensibilizar o público de seu período.

Porém, nosso objetivo principal é encontrar elementos que demonstrem a existência de traços religiosos na obra brasileira do século XIX. Portanto, a pesquisa apropriou-se da obra de Guimarães para buscar pontos que evidenciem a existência de religiosidade no romance, sendo a análise possível por meio da fala de alguns personagens, como Isaura, Rosa, Leôncio e Álvaro.

Pode-se destacar na pesquisa que o Brasil do século XIX é marcado pela existência de um catolicismo como religião oficial. Na obra de Guimarães, a personagem principal, a escrava Isaura, demonstra ser adepta dessa religião por usar um colar no formato de cruz no pescoço, símbolo este do catolicismo, observado no contexto histórico da época. É de se destacar também que Isaura apresenta momentos de aclamações a entidades religiosas como

¹⁷⁸ ALVES, Luiz Carlos. *Uma introdução: outro modo de ler A escrava Isaura*. In: GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. 2. Ed. Belo Horizonte: Garnier, 2019. p. 09.

Deus e a Virgem Senhora da Piedade, pedindo sempre por sua liberdade e proteção diante das perseguições que sofria de seu dono Leôncio.

Observou-se que Guimarães, ao representar a escrava Isaura como uma jovem escrava branca e virtuosa que cantava, tocava piano, sabia bordar e que falava outras línguas, acabou por apresentar as habilidades que uma moça branca da elite brasileira do século XIX precisava ter, destacando assim as características patriarcais da sociedade brasileira. Sendo assim, ao representar as características da personagem Isaura, o autor fortaleceu o entendimento de que, nas obras literárias, podemos encontrar elementos para analisar a sociedade da época em similitude aos seus costumes e características religiosas da época.

Certamente, para colocarmos uma obra literária como fonte histórica de certo período, destacou-se a importância de se estudar outras fontes literárias e bibliográficas que possibilitaram a observação da religiosidade na obra *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, como as obras de Antonio Candido e José Veríssimo, que possibilitaram o entendimento do contexto histórico e religioso do século XIX no Brasil, permitindo a compreensão de que a religiosidade não precisa de um espaço concreto ou uma religião explicitamente dita, podendo ser observada também nas situações individuais dos personagens de uma literatura. Verifica-se, assim, que a obra abolicionista de Guimarães não descreve de forma direta a existência de uma religião, mas as características e as ações de seus personagens descrevem as religiões e os comportamentos religiosos existentes no Brasil do fim do século XIX, levando à compreensão de que se pode estabelecer um diálogo entre religião e literatura, que possibilita levar antigos obstáculos para novos sentidos, novos objetos, novos olhares, e novas interpelações.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos Viventes: A formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMINHANA, Letícia Oliveira; ALMEIDA, Alexandre Moreira. Personalidade e religiosidade/espiritual (R/E). *Revista psiquiatria clínica*, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 153-161, 2009.

ALVES, Kleber da Silva. A escrava Isaura e a inviabilidade econômica da escravidão: considerações sobre o antiescravismo de Bernardo Guimarães. *Soletras*, São Gonçalo, ano IX, n. 17, p. 15- 24, 2009.

ALVES, Luiz Carlos. *Uma introdução: outro modo de ler A escrava Isaura*. In: GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. 2. Ed. Belo Horizonte: Garnier, 2019.

ALVES, Marcos Francisco. *Os romancistas da Abolição: representação do escravo e discurso abolicionista nas obras de Bernardo Guimarães e Joaquim Manuel de Macedo*. 2012. 165 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo, Pioneira. 1989.

BENEVIDES, José Lucas Góes. A representação da mulher escravizada na literatura brasileira: uma leitura comparativa entre Úrsula e a escrava Isaura. *Mafuá*, Santa Catarina, n. 27, p. 1- 26, 2017.

BRASIL. *Constituição (1924)*. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília Senado Federal: Centro Gráfico, 2017.

BRASIL. *Decreto nº 15.671, de 6 de setembro de 1922*. O Presidente da República Epitácio Pessoa declarou oficial a letra do Hino Nacional Brasileiro, escrita por Joaquim Osório Duque Estrada. Brasília: Diário Oficial da União, 27 set 1922. Disponível em: <www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-15671-6-setembro-1922-487497-republicacao-91987-pe.html>. Acesso em: 14 mai. 2020.

BRITO, Ênio José da Costa. *Leituras afro-brasileiras: ressignificações afrodiáspóricas diante da condição escravista no Brasil*. Jundiá: Paco, 2018.

BRITO, Raquel. *Romantismo: saiba tudo sobre esse assunto!* São Paulo: Stoodi, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. São Paulo: Humanitas, 1999.

CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.

CARMO, Sonia Irene Silva do; COUTO, Eliane Frossard Bittencourt. *História: passado e presente*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Atual, 1994.

CASAMASSO, Marco Aurélio Lagreca. Estado, Igreja e liberdade religiosa na constituição política do império do Brasil de 1824. In: XIX ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI,

29., 2010, Fortaleza. *Anais... XIX Encontro nacional do CONPEDI*. Fortaleza: Publica Direito, 2010. p. 6167- 6175.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. Laços de família e direitos no final da escravidão. In: NAVAIS, Fernando (Coord.); ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 1999.

DANTAS, Paulo. Perfil do autor: Bernardo Guimarães. In: GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

DIAS, Rodrigo Torres. O corcunda de Notre-Dame e a escrava Isaura: Um diálogo entre Victor Hugo e Bernardo Guimarães. *Revista Entrelaces*, Ceará, ano 6, n. 7, p. 63- 73, 2016.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. *Romantismo no Brasil*. São Paulo: Aluno Online, 2019.

FAVERO, Yvie. *A religião e as religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Palmares, 2010.

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. *Romantismo: a formação da literatura brasileira*. Minas Gerais: Revista Vozes dos Vales, ano I, n. 2, p. 1-12, 2012.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Sincretismo e religião na festa do divino. *Revista antropológicas*, Recife, ano 1, v. 18, p. 105-122, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 51. Ed. São Paulo: Globo, 2019.

GOMES, Evaldo Xavier; CYSNEIROS, Hugo Sarubbi. *Acordo entre a República Federativa do Brasil e a Santa Sé relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. 2. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2019.

HEMMING, John. *Ouro Vermelho: A conquista dos índios da Amazônia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

LIMA, Renata Ribeiro. Representações de exílio e nacionalismo de Gonçalves Dias. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2014.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Religiosidade no cotidiano popular mineiro: crenças e festas como linguagens subversivas. *História & Perspectiva*, Uberlândia, n. 22, p. 124-138, 2000.

MADEIROS, Rodrigo Dantas; GILENO, Carlos Henrique. Dom Vital: A questão religiosa, a crise político-social na província pernambucana e suas consequências durante o segundo reinado. *Revista Idealizando*, Pernambuco, ano 2, n. 2, p. 88-109, 2018.

MAGALHÃES, Basílio. *Bernardo Guimarães: esboço biográfico e crítico*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1926.

MANOEL, Ivan Aparecido. História, religião e religiosidade. *Revista de Cultura teológica*, São Paulo, v. 15, n. 59, p. 105- 128, 2007.

MATTOS, José Veríssimo Dias de. *História da literatura brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

MELO, Cynthia de Freitas et al. Correlação entre religiosidade, espiritual e qualidade de vida: uma revisão de literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 447-464, 2005.

MENEZES, Hugo Lenes. *Folhetim da escravidão: o caso de Bernardo Guimarães*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA BRAZILIAN STUDIES ASSOCIATION (BRASA). 2012.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *Abolição*. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MOTTA, Paulo Rogério; JÚNIOR, Armando Rocha. Psicologia, religião e espiritualidade: considerações sobre a natureza humana e o sentido existencial. *Revista educação*, v. 6, n. 2, p. 88-104, 2011.

MURAKAMI, Rose; CAMPOS, Claudinei José Gomes. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, p. 361-367, 2012.

NETO, José Guimarães Caminha. *A escrava Isaura: uma visão multidimensional*. 2003. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Artes e Comunicações, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

OLINTO, Antônio. *Brasileiros na África*. 2. ed. São Paulo: GRD, 1980.

PAGNAN, Celso Leopoldo. *Manual compacto da literatura brasileira*. São Paulo: Rideel, 2010.

PONTES, Marta. *Minimanual de redação e literatura*. São Paulo: DCL, 2010.

POUND, Erza. *Abc da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1995.

PRANDI, Reginaldo. *Referências sociais das religiões afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

PRANDI, Reginaldo. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: SHUWARCZ, Lilia Mortiz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O universo de Jorge Amado*. São Paulo, 2009.

RIBEIRO, Josenilda Oliveira. *Sincretismo religioso no Brasil: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritualismo*. 2012. 28 f. Trabalho de conclusão de curso – Curso de Graduação em Serviço Social, Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

RODRIGUES, Elisa. *Raça e controle social no pensamento de Nina Rodrigues*. *Múltiplas Leituras*, v. 2, n. 2, p. 81-107, 2009.

SANTOS, Flaviana Silva. *O negro na literatura brasileira: algumas considerações a partir de a escrava Isaura e o Mulato*. 2017. 21 f. Trabalho de conclusão de curso da graduação em Linguagens e Códigos, Campus São Bernardo, Universidade Federal do Maranhão, São Luiz, 2017.

SANTOS, Israel Silva dos. *Catolicismo: Identidade e significado no Brasil do Século XIX. Anais... XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH*, São Paulo, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *De olho em D. Pedro II e seu reino tropical*. São Paulo: Claro Enigma, 2009.

SCHWARTZ, Stuart B. *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, Ana Rosa Clochet; CARVALHO, Thaís da Rocha. *Ultramontanismo e protestantismo no período regencial: uma análise da crítica panfletária dos padres Perereca e Tilbury à metodista no Brasil*. Guarulhos: Almanak, 2017.

SILVEIRA, Daniela Magalhães. Gênero e escravidão em Bernardo Guimarães. In: VI ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 6., 2013, Santa Catarina, *Anais... VI encontro*. Santa Catarina: UFSC, p. 1-13, 2013.

SIQUEIRA, Sonia Aparecida. *Multiculturalismo e religiões afro-brasileiras o exemplo do candomblé*. São Paulo: PUC. 2009.

SOUZA, Luana Batista. Bernardo Guimarães: Para além de a escrava Isaura. *Pensares em revista*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 10, p. 52- 69, 2017.

VALENTE, Waldemar. *Sincretismo religioso Afro-Brasileiro*. São Paulo: Editora Nacional, 1955.